



HISTÓRIA E RACISMO RELIGIOSO:

E O QUE OS PENTECOSTAIS DIZEM A RESPEITO



Araújo, Rímilla Queiroz de.

História e racismo religioso: e o que os pentecostais dizem a respeito / Rímilla Queiroz de Araújo. – São Luís, 2022.

91f.; il.

Produto Educacional da Dissertação “Pentecostalismo e racismo religioso: Oralidade a partir da Assembleia de Deus no Bairro da Liberdade (1984-2020) como proposta de Manual Pedagógico para o ensino de História”.

Orientação do Prof. Dr. Marcos Vinicius Freitas Reis.

1. Ensino de História. 2. Racismo. 3. Oralidade. 4. Pentecostalismo. 5. Manual. I. Título.

CDU 37.014.523 (072)

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

*A leitura da Bíblia
toca o chão da vida*
(Ronilso Pacheco)

SUMÁRIO

1. MENSAGEM AO PROFESSOR.....	4
2. APRESENTAÇÃO	6
3. UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO.....	11
4.A REFORMA PROTESTANTE.....	17
5.O PROTESTANTISMO HISTÓRICO NO BRASIL.....	24
6. O PENTECOSTALISMO E SUAS ORIGENS.....	28
6.1 OS NEOPENTECOSTAIS E SUAS ESTRATÉGIAS NO CAMPO RELIGIOSO.....	31
6.2 O CRESCIMENTO PENTECOSTAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	32
7.PENTECOSTAIS, RACISMO RELIGIOSO E ORALIDADE.....	34
8.HISTÓRIA ORAL E A ASSEMBLEIA DE DEUS NA LIBERDADE.....	38
9 Pastor Félix e a liderança da Igreja Assembleia de Deus no Território Quilombola da Liberdade.....	40
10 Irmã Dora e a visão da liderança do Círculo de Oração.....	50
11. Irmão Dinilson e o racismo que há em nós.....	70
12 Irma Luana e as reflexões das novas gerações de assembleianos.....	75
13 Irmã Debora e a visão a partir da liderança do departamento infantil.....	78
14. Irmão Noé e a perspectiva do departamento de missões.....	79
15. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80

1. Mensagem ao professor

O negro passou por um longo processo de estigmatização da sua história, tendo questionada a sua própria humanidade, o que legitimava a escravização de levadas contínuas de africanos deslocados de sua terra para o trabalho forçado nas fazendas, mineração e tantas outras atividades controladas pelo colonialismo europeu (CARVALHO, 2002, p. 18).

O Brasil despontou ao longo da colonização e do período escravista como um dos territórios que mais recebeu africanos, pois cerca de 30% a 40% dos negros que foram traficados da África se destinaram às terras brasileiras, e entre os séculos XVII e XIX por volta de 70% da população brasileira era composta por negros e mestiços (MUNANGA, 2018).

Frantz Fanon (2008) argumenta que tanto o racismo como o colonialismo pressupõem formas de existir no mundo. Nesse sentido, a figura do negro foi construída pela sociedade colonial como aquele que não detém direitos ou conhecimento e que seria alvo de violência e exclusão de forma sistemática.

Os negros apresentaram contribuições significativas ao longo da história nacional em termos de manifestação cultural e religiosa, suas danças, ritos e estética são vastos e estão presentes na constituição do povo brasileiro. No entanto, a visão sobre o negro que o classifica como desviante e subalternizado ainda se mantém, onde seus saberes e riqueza étnica permanecem sendo apagados e, nesse intento o movimento negro e intelectuais no Brasil (MULLER; COELHO, 2013, p. 31), militaram na construção de leis que afirmem a necessidade de levar às escolas e a comunidade, o conhecimento sobre África e a cultura afro-brasileira como bem pontua Ki-Zerbo (2010) que a África tem sim história.

A legislação brasileira teve uma série de reveses protagonizados pelo ativismo do movimento negro que como afirma; Muller Coelho (2013), buscavam a extinção do racismo e a garantia de direitos e acesso a condições socioeconômicas justas aos negros no Brasil. O então deputado federal Abdias do Nascimento, em 1983 apresentou um projeto de lei que tornaria o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira obrigatórios, no entanto, o projeto não foi aprovado, sendo sucedido por leis que não especificavam a relevância de se ter nos currículos escolares conteúdos que contemplassem a questão do negro na história.

Nessa perspectiva, a lei 10.639 de 2003 se configura como um marco na educação brasileira e no combate ao racismo e toda forma de discriminação racial, ao tornar obrigatório o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira. Porém a operacionalização dos conteúdos de história da África e Cultura Afro-Brasileira ainda encontram entraves, pois há uma escassez de material que forneça aos docentes caminhos para uma didática que consiga trabalhar com estes conteúdos e uma carência no acesso ao conhecimento nesse aspecto na própria formação de professores (MULLER; COELHO, 2013).

O extenso apagamento da história do povo negro com a escravidão e as suas heranças no pós-abolição que produziram uma massa de afro-brasileiros desassistidos pelo Estado e vítimas da pobreza e falta de acesso às condições mínimas de

sobrevivência, foram taxativos para incutir entre a população negra um anseio pela liberdade e reconhecimento de seu lugar de fala e cultura, e no caso da experiência brasileira o pentecostalismo se mostrou a opção que os negros fizeram numa tentativa de resposta para suas mazelas e na busca por inclusão (OLIVEIRA, 2015).

O Brasil no século XX no cenário religioso vai se diversificar, recebendo a influência do pentecostalismo oriundo dos Estados Unidos, desse modo com a chegada de missionários estrangeiros, a mensagem de dons espirituais na vivência do sagrado começa a tomar força e vai atingir as camadas mais pobres e excluídas da sociedade nacional e portanto, a adesão da população negra ao seu tipo de fé será significativa (OLIVEIRA, 2015).

O processo de urbanização brasileiro que intensificou o êxodo rural, produzindo massas de pessoas ocupando as periferias, favelas e regiões mais empobrecidas das cidades e que na sua grande maioria eram de cor negra e que se vinculavam a mensagem pentecostal que pregava sobre a mudança de realidade através de uma prática de fé a partir dos preceitos da Bíblia e da busca pelo Espírito Santo (OLIVEIRA, 2015).

Uma característica da população negra que os levou a aderir ao modelo pentecostal de crença é que para os negros a fé é vivida de forma real e não somente como abstração, no campo da teoria, em uma concepção mais irreverente onde às experiências de religiosidade do povo negro são de movimento, danças e sons o que os identificou com o mover gerado dentro da liturgia e do modus operandi do pentecostalismo (OLIVEIRA, 2015, p. 57).

Numa sociedade em que valores e princípios morais se tornam cada vez mais fluídos, a ideia de unidade e acolhimento que fazer parte de uma Igreja oferecem pode ser bastante atraente. Seja nos grandes centros urbanos ou nos mais distantes vilarejos, é muito improvável que não se vá encontrar pelo menos um templo evangélico; principalmente da maior denominação evangélica que é a Assembleia de Deus. Para Marco Davi de Oliveira (2015) inúmeras questões estão presentes na complexa relação entre negros e o pentecostalismo, dentre elas figuram o fato de existir democracia racial ou não, se os negros sofrem alguma forma de racismo ou mesmo por que os elementos de cultura africana são demonizados entre os pentecostais mesmo o negro sendo maioria?

Neste material, busca-se responder algumas dessas questões e apresentar ferramentas metodológicas para que o professor em sala de aula possa desenvolver atividades que ajudem os estudantes a compreenderem o contexto de apagamento do negro, o surgimento do pentecostalismo, perceber a raiz negra do movimento pentecostal, assim como, a presença de um processo de estigmatização do negro também na estrutura pentecostalista.

Do ponto de vista da legislação educacional esses conteúdos são de suma relevância, como propõe a LDB 9394/1996 que trata de um processo formativo entre os sujeitos envolvidos na dinâmica de ensino e que está em toda parte, portanto, um estudante que consegue ressignificar o racismo ou a presença negra no meio religioso evangélico pode gerar uma transformação social na sua própria realidade, que é o maior objetivo da educação conforme propõe Paulo Freire: "As classes dominadas precisam transformar seu sofrimento e não se submeterem a ele" (FREIRE, 1997, p. 33).

2. APRESENTAÇÃO

Este caderno pedagógico se dedica a explicar como o fenômeno do racismo religioso e da intolerância religiosa entre os pentecostais tem se operado ao longo do tempo, tomando como base uma das igrejas mais negras de São Luís; a Assembleia de Deus do Bairro da Liberdade.

Historicamente, os negros passaram pela violência da escravidão e posteriormente, pelo esquecimento em termos de políticas públicas do Estado quanto as suas condições socioeconômicas e foram alvo da obliteração de seus graves problemas como; a pobreza e a exclusão com base na teoria de democracia racial que propunha uma harmonia entre os povos no Brasil relegando às mazelas sociais a uma questão de classe e não de raça. (OSORIO, 2021).

Um fator que revela a disparidade racial no Brasil pode ser observado através da renda média entre brancos e negros. No intervalo entre, 1986 e 2001 a renda média dos brancos em relação aos negros era 2,4 maior, no período de 2002 a 2008 essa média teve uma ligeira queda, mas, ainda representa que os brancos detêm uma renda duas vezes superior a apresentada pela população negra (OSORIO, 2021, p. 16).

A população negra apresentou um aumento, onde em 1986 representava 44% do contingente populacional brasileiro e em 2018 essa cifra chegou a 56%, o que pode parecer um contrassenso já que estatisticamente os jovens negros são aqueles que mais morrem no país (CERQUEIRA; COELHO, 2017 apud OSORIO, 2021, p. 20) porém, a tendência numa maior valorização da negritude gerou esse comportamento (OSORIO, 2021).

Os indicadores do Brasil quanto a educação, refletem o processo agudo de discriminação racial que ainda vivencia-se em nosso território, segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), em 2018 o percentual de pessoas brancas que são escolarizadas está na faixa de 38,8 %, enquanto o indicador nesta categoria de análise para pessoas pretas é de apenas 28,9 %, ou seja, o acesso à escola mesmo com todas as lutas travadas por leis e condições mais justas ao povo negro ainda é desigual. Um outro dado relevante é sobre a conclusão do ensino básico e o ingresso no ensino superior, que conforme a PNAD (2018) acusa que 24,3 milhões de pessoas no Brasil entre 15 e 29 anos não terminaram a educação básica, nem tiveram inserção em qualquer graduação, no entanto, o dado que mais causa espanto é que desse quantitativo, 65,2 % são de cor preta ou parda, nesse sentido, a maior parte da população que está à margem da educação continuada é negra.

O Maranhão é um dos estados com maior população negra do país, com cerca de 632.138 pessoas que se autodeclararam de cor preta, segundo o Censo IBGE (2010), no Nordeste, o Maranhão fica aquém do número de negros apenas do estado da Bahia. Com uma forte incidência de espaços de culto afro como: a Casa das Minas e a Casa de Nagô; dois dos mais antigos terreiros de mina do país (BARROS, 2015) e a efusividade do tambor de crioula; patrimônio imaterial da humanidade, e do bumba meu boi, o Maranhão ainda enfrenta muitos desafios na busca do reconhecimento dos direitos do povo negro, com indicadores que traduzem a discriminação racial que

ainda é sentida entre os maranhenses. O pouco acesso à educação é notório como aponta o Censo IBGE (2010), onde a desigualdade no Maranhão entre pretos e brancos fica evidenciada, já que, aqueles que chegam ao ensino superior na sua grande maioria são de cor branca, cerca de 43,43% da comunidade universitária é de brancos enquanto os negros que chegaram a universidade no Maranhão representam somente 7,22% do total.

Segundo Oliveira (2015), com base nos dados do Censo IBGE (2010), a população negra evangélica de maior vulto é a de matriz pentecostal, pois dos 22.785.426 evangélicos de cor preta no Brasil cerca de 14.545.768 estão dentro do cenário do pentecostalismo. Nesse sentido, as discrepâncias sociais vividas pela população negra se tornam parte integrante também da realidade de muitas dessas igrejas. Ao se inserir na lógica evangélica, a população negra passa a andar na contramão de suas origens africanas ou tipologias negras em nome de uma chamada “nova vida” que assim como, a sociedade brasileira constrói uma visão do branco como superior, mais capaz e civilizado em uma concepção colonial de ser e existir no mundo, as igrejas com destaque para a mais tradicional e numerosa delas que é a Assembleia de Deus ainda que recebam os negros em sua composição, por sinal muito mais que as igrejas históricas, por exemplo,, reafirmam uma supressão dos símbolos e culturas vindos da África, em um processo que busca embranquecer para ser aceito, onde até mesmo os casamentos inter-raciais também podem seguir essa finalidade (OLIVEIRA, 2015).

Portanto, o tema da presença negra nas igrejas pentecostais é de suma importância para compreender como a invisibilidade da história e cultura negra se circunscrevem também na realidade evangélica, pois, além de reunir um grande número de pessoas autodeclaradas como negras na atualidade, as igrejas pentecostais exercem uma função social e política que protagoniza decisões centrais no cenário brasileiro (OLIVEIRA, 2015).

Dentro desse debate e da necessidade da aplicação da lei 10.639 de 2003 no tocante ao ensino de História da África e de Cultura Afro-Brasileira, esta proposta de manual pedagógico apresenta uma grande demanda em virtude da escassez de material no que se refere às igrejas pentecostais e a questão do negro o que suscita conforme Tardif (2002, p. 11 apud MULLER; COELHO, 2013, p. 44) o fazer docente como um percurso socialmente constituído e constituinte, que reflete a realidade social e também provoca transformações na cultura escolar, e no que se refere a fontes didáticas que tragam os conteúdos sobre a história do negro e da África. Torna-se, prevalente formular uma análise sobre o papel do pentecostalismo e a experiência do negro na sua conjuntura, e trazer para a sala de aula a sua discussão com um material dedicado às questões de pluralidade e combate à discriminação racial.

Partindo do pressuposto que a lei 10.639 ainda está distante de uma inserção objetiva em todas as instituições de ensino nacionais, surge como necessário a operacionalização do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, e nesse aspecto possibilitar aos professores, materiais que viabilizem o ensino alusivo ao homem negro e seu pertencimento a África, cultura e religiosidades (MULLER; COELHO, 2013). A tarefa de transcrever às entrevistas foi deveras trabalhosa e desafiadora do ponto de vista da relação entre duas culturas tão distintas e complementares como a oral e a escrita.

Aqui neste trabalho reflete-se sobre a oralidade e o pentecostalismo e como isso reverbera na problemática do racismo dentro da instituição religiosa que é a mais numerosa denominação evangélica do país, A Assembleia de Deus, e como isso se circunscreve no cenário de um Território de Quilombo Urbano na capital do estado do Maranhão.

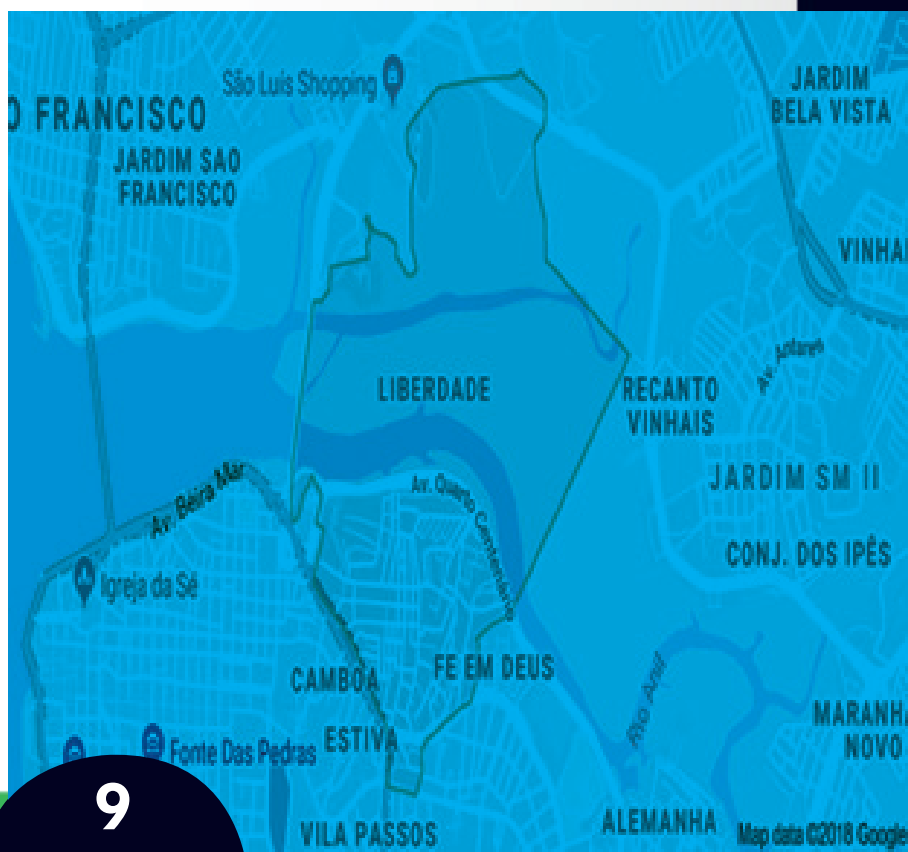
Porém, antes de adentrar diretamente na relação entre narrativas orais, pentecostalismo e a questão da sua presença em um Quilombo Urbano, buscou-se fazer uma reflexão acerca o ensino de história no Ensino Médio e como ao longo da história, a religião e propriamente o cristianismo e o protestantismo tiveram uma parcela de protagonismo nas transformações causadas no panorama do mundo até os nossos dias.

Este conjunto de desdobramentos de fatos e singularidades demonstra que mesmo o pentecostalismo sendo uma das religiões com maior presença de negros e pessoas pobres não está isento da ocorrência de intolerância religiosa por ocasião da etnia, raça ou mesmo classe socioeconômica. (OLIVEIRA, 2015).

O Território Quilombola Urbano da Liberdade está localizado na porção leste da cidade de São Luís e foi certificado pela Fundação Cultural Palmares em 2019, sendo chancelado como Quilombo Urbano, o primeiro do estado do Maranhão (ASSUNÇÃO, 2017). Segundo Arruti (2014, p. 18) “quilombo urbano consiste em um agrupamento cuja estrutura social e fronteiras étnicas seriam delimitadas a partir de um conjunto de práticas sociais, culturais e religiosas”. A escolha desse espaço como local de pesquisa se deu pela dialogia que busquei verificar entre a presença pentecostal em um cenário majoritariamente negro e como essa relação se efetiva, quais as lógicas de convivência partindo do discurso pentecostal que se manifesta como proselitista e conforme aponta Abumanssur (2011) o pentecostalismo quando adentra uma comunidade tradicional acaba por solapar as raízes e originalidades ali presentes com a narrativa de transformação de vida.

A comunidade da Liberdade tem sua origem com as levas migratórias da Baixada Maranhense e também da região de Alcântara que formaram o desenho populacional da região com um protagonismo negro (SILVA; GUEDES, 2021, p. 1), seja na cultura com a força do Bumba Meu Boi, o de Leonardo é um dos mais conhecidos, do tambor de crioula, declarado pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira (SANTOS, 2015).

Dessa maneira, compreender as dinâmicas do Território Quilombola Urbano da Liberdade e como uma igreja pentecostal, no caso a AD da Liberdade, podem interferir na estrutura de pensamento e do funcionamento característico do quilombo, repre-



MAPA 1: TERRITÓRIO QUILOMBOLA DA LIBERDADE
FONTE: ED WILSON ARAÚJO, 2018.

sentam uma forma de auxiliar os professores enquanto material didático que demonstre uma realidade em que o racismo religioso ocorre, e como os roteiros de aula a partir das experiências da igreja fomentam um ensino de história no ensino médio voltado para as preocupações com as diferenças étnicas e as desigualdades raciais, premissas da lei 10.639 de 2003 fornecendo caminhos para a observação das temáticas que tornam possíveis a aplicabilidade da lei efetivamente (BORGES, 2019).

Nessa perspectiva, elencar os fatores que a Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Bairro da Liberdade desperta sobre exercer um papel intolerante quanto as africanidades e a historicidade dos negros no Quilombo Urbano da Liberdade, sintetizam o principal objetivo da presente proposta de pesquisa. Adotou-se a história oral como mecanismo de análise pelo fato do pentecostalismo como fenômeno de aculturação na comunidade ser recente, a Igreja tem o ano de 1981 como marco de fundação, sem registros que contemplassem a participação da igreja frente a comunidade e pela oralidade representar uma metodologia que se pauta na pluralidade onde perpassa a construção da memória de comunidades e dialoga com a história enquanto conhecimento constituído (AMADO; FERREIRA, 2006).

Foram realizadas entrevistas com os líderes dos departamentos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Bairro da Liberdade, um dos bairros tradicionalmente mais ricos em termos de cultura e religiosidade permeadas pela negritude.

Nesse sentido, colheu-se depoimentos de suma relevância para compreender como ainda que a tônica no âmbito evangélico seja de acolhimento e compreensão, o processo de exclusão racial permanece existindo.

Portanto, é necessário pensar como a Igreja da AD vislumbra essas práticas que fogem ao "Extra ecclesiam nulla salus" ou seja, fora da igreja não há salvação (MATA, 2010, p. 36). Durante muitas décadas, todas as religiões fora do cerco evangélico eram rotuladas como demoníacas ou satânicas, mas um fator interessante percebido nas falas dos entrevistados é que essa não é mais a realidade absoluta.

Na verdade, hoje o mais comum é uma fala mais tolerante e de pluralidade, mas, na realidade sempre apontando que o evangelho é a resposta para as mazelas do mundo e a verdadeira Igreja é a protestante/pentecostal.

A concepção de pecado e inferno parece dar lugar a uma fala mais branda em um momento em que o Brasil passa por uma crise na figura dos evangélicos na política e conseqüentemente, é



FIGURA 2: BOI DE LEONARDO NA LIBERDADE
FONTE: BLOG DE ZEMA RIBEIRO, 2019

preciso limpar o bom nome desse segmento e claro continuar cumprindo o ide de Cristo a tempo e fora de tempo.

Neste ano de 2022 a Igreja Assembleia de Deus no Maranhão completa cem anos, o que é um contexto oportuno para problematizar as estruturas e formas de funcionamento das ADs de modo a compreender quais eram seus modus operandis e como essa transformação nos seus sujeitos e comunidades tem se dado até aqui.

Mas esse não é um processo somente presente entre os assembleianos ou pentecostais, como bem pontua Sergio da Mata (2010, p. 36) “O Ocidente expurgou do âmbito da “religião” toda manifestação ou tradição religiosa que não se adequasse aos seus preceitos teológicos”.

Assim sendo, este é um quadro do Ocidente como um todo e por que não dizer um fenômeno da colonialidade de modo que o que não é Europeu ou etnocêntrico não serve ou é inferiorizado como apresenta Franz Fanon, que ignorar o racismo o impulsiona a continuar existindo e é intrínseco a sociedade (FANON, 2008, p. 14)

O Brasil é um país em sua grande medida formado por excluídos, ou seja, por uma grande gama de pessoas que estão abaixo da linha da pobreza. A mensagem do evangelho entre os pentecostais se diferenciou dos demais evangélicos históricos e do catolicismo justamente por ser voltada para todos (Oliveira, 2015, p. 44) e conseqüentemente concede espaço para toda uma população que se encontrava a margem da sociedade.

Portanto, é necessário ouvir esses sujeitos que tem sua voz própria e considerar que suas narrativas detém um significado que representa a interpretação que os pentecostais constroem sobre o mundo, e identificar quais práticas refletem ou não um processo de racismo religioso.

Espero que a leitura seja elucidativa como a escrita foi. Bom proveito!

3. UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO MÉDIO

O Brasil ao longo de sua história enfrentou inúmeras mudanças no âmbito de sua legislação sobre a educação, no entanto com a Carta Magna de 1988, se chegou em um ponto do desenvolvimento da legalidade quanto aos ditames educacionais que buscam incorporar normas que se baseiam nos direitos humanos e na condição da dignidade humana também aplicada a concepção de ensino religioso

O Currículo do Território Maranhense para o Ensino Médio, trata a questão das singularidades e das identidades dos diferentes sujeitos e contextos escolares como fundamentais para um ensino mais igualitário e livre de preconceitos. Pensar o indivíduo na sua especificidade, não implica desconsiderar seu caráter macro no que refere ao pertencimento ao Brasil e ao mundo, mas na realidade vislumbrar como cada sujeito se identifica ou diferencia um do outro e como trabalha a alteridade (MARANHÃO, 2022, p. 15) **Figura 3** – Diagrama dos Dispositivos Educacionais sobre o Ensino Médio

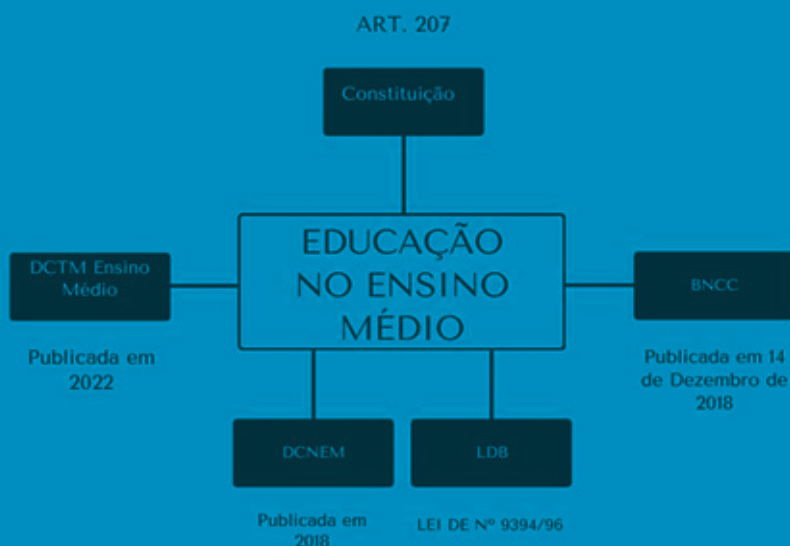
Não apenas os documentos citados acima abordam a educação em seu conteúdo, mas, optou-se por adotar essas cinco vertentes para fins de organização da temática e observar o seu texto para sistematizar como o ensino de história e o debate sobre as religiões e religiosidades podem despontar na realidade do Novo Ensino Médio.

É interessante desconstruir que o ensino de história consiste em uma disciplina acessória. Porém, durante bastante tempo o discurso sobre a história como disciplina a categorizou como “decoreba” e voltada para datas, nomes e lugares. A partir das décadas de 1980 e 1990 na universidade se buscou construir um ensino de história que contemplasse novos nichos de discussão como a presença de grupos sociais até então esquecidos pela história, mulheres, negros, crianças

e subalternos (FERREIRA, MARQUES, 2019). No entanto transpor o conhecimento acadêmico para a cultura escolar tem sido um desafio onde na maior parte das vezes os estudantes não se envolvem com os debates das aulas de história, pois a própria identificação com os conteúdos expostos é frágil (FERREIRA; MARQUES, 2019).

A Educação Básica está estruturada em níveis, etapas, fases, cursos e modalidades. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

DISPOSITIVOS LEGAIS QUE REGEM A EDUCAÇÃO NO ENSINO MÉDIO



FONTE: PRÓPRIA AUTORA

de nº 9394/96 o ensino básico irá abranger uma educação básica fundamental de até nove anos contínuos e complementada por uma educação média de três anos de matriz obrigatória e progressiva (MARANHÃO, 2022, p. 15)

Este material se volta para professores do Ensino Médio, que é a última etapa da educação básica e se caracteriza por uma fase em que os estudantes estão organizando suas concepções de mundo e valores de forma que constroem seus princípios e se enxergam como agentes que atuam na sociedade com a capacidade de gerar mudanças, retrocessos e avanços (MARANHÃO, 2022, p. 15).

A BNCC para o Ensino Médio na grande área das Ciências Humanas se expande com o objetivo de abranger arranjos socioeconômicos mais complexos e é chamada de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em função do seu panorama vasto de alcance, desse modo, há uma conexão entre as habilidades gerais e as habilidades específicas da área para o ensino médio com a inclusão de diversos campos como: Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho (MARANHÃO, 2022, p.99).

Desse modo, os princípios que balizam as Ciências Humanas, dentre elas, a disciplina de história no Ensino Médio, segundo a BNCC, se direciona a uma problematização dos conteúdos com base na ética, no respeito as diferenças, na percepção da dignidade da pessoa humana, na perspectiva dos direitos humanos e no combate a toda forma de preconceito. A BNCC no Ensino Médio postula que os estudantes dessa faixa etária conseguem realizar abstrações mais complexas e portanto, trabalhar com um raciocínio mais acurado diante das tensões e conflitos percebidos a partir dos componentes curriculares como reflexo dos dilemas e questionamentos das humanidades (BRASIL, 2018).

O principal desafio para o Currículo de Ciências Humanas é gerar um protagonismo entre os estudantes de tal modo que o currículo seja um instrumento vivo em que o projeto de vida possa ser de fato operacionalizado, e em que os estudantes sejam partes atuantes da realidade escolar (MARANHÃO, 2022, p. 100).

A área das ciências humanas possui como componentes curriculares; filosofia, geografia, sociologia e história, e apesar de estarem distribuídas de forma separada, a abordagem construída para os componentes é de modo contextualizado, diversificado, interdisciplinar e transdisciplinar (MARANHÃO, 2022, p.100).

A disciplina de história se configura a partir de aprendizagens voltadas para a questão do homem ao longo do tempo, que segundo a BNCC (2018) se baseia em uma construção não meramente cronológica, mas que perceba os diversos tempos e lógicas das narrativas de diferentes sociedades e grupos de pessoas (BRASIL, 2018). Nessa perspectiva, as competências e habilidades em Ciências Humanas conforme a BNCC prevê um ensino de história que seja sistematizado a partir das concepções de pluralidade epistemológicas e que contemplem os processos de identidade e diversidade, proporcionando aos estudantes um arcabouço teórico para se posicionar criticamente diante do mundo e seus significados (BRASIL, 2018).

Uma outra premissa da história enquanto área do conhecimento é perceber o espaço não unicamente a partir da sua dimensão geográfica, mas constatar suas formações de sentido, lugares de disputa e observar os processos de identidade ligados ao pertencimento territorial, assim como o processo de dominação entre as sociedades (BRASIL, 2018).

Nesse sentido, o ensino de história como afirma Silva Guimarães (2007), deve estar voltado para perceber as múltiplas diferenças sem se omitir diante das graves desigualdades que acometem o cenário nacional, permeado por uma história que busca a identidade nacional sem levar em consideração os povos e culturas que foram historicamente excluídos de livros didáticos e dos currículos. Nessa perspectiva ocorreu uma seletividade de conteúdos que integram as aulas de história e os currículos que as fundamentam, o que se deu de modo segregado com as identidades negras e indígenas principalmente, e para mitigar esse longo trajeto educacional da disciplina de história a aprovação das leis 10.639 de 2003 e 11.645 de 2008 se mostra como essencial.

Consistem em elementos norteadores para o campo de formação das Ciências Humanas as seguintes condições de ensino e aprendizagem: ética, ideias e práticas de justiça, de solidariedade, de autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, reconhecimento das diferenças, respeito aos direitos humanos, interculturalidade e combate ao racismo (MARANHÃO, 2022, p. 100).

Como suas finalidades a LDB trata do Ensino Médio na seguinte perspectiva:

Art. 35. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV – a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (LDB, 2017, p. 24/25)

Já o Documento do Território Maranhense para o Ensino Médio afirma que os saberes construídos no Ensino Fundamental devem ser consolidados no Ensino Médio, enfatizando uma formação cidadã e que forme também para o mercado de trabalho e suscite a crítica e a reflexão como pode-se observar na assertiva a seguir:

O ensino médio tem por finalidade aprofundar e consolidar as aprendizagens essenciais desenvolvidas no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos, a preparação básica para o trabalho, a cidadania e a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos (BNCC) (MARANHÃO, 2022, p. 99)

No caso do novo ensino médio, é relevante ressaltar que as disciplinas se encontram segmentadas por grandes áreas e que o componente curricular história onde pode-se trabalhar com mais ênfase o ensino religioso; está incluso no campo das Ciências Humanas e Sociais e suas tecnologias, é uma possibilidade de dar prosseguimento aos projetos de legitimidade de um ensino religioso plural e diverso.

A lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, a resolução nº 3 de 21 de novembro de 2018 que atualiza as diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio assertivamente propondo um ensino mais flexível que prepare o sujeito para o seu desenvolvimento pleno, para o exercício da cidadania e inclusão no mercado de trabalho (MARANHÃO, 2022, p. 43)

Tendo em vista a longa trajetória de desigualdades e violências que a humanidade já enfrentou, o componente de história preza pela garantia dos direitos que são comuns a cada sujeito. É relevante observar que o campo da história se constituiu como um produto histórico que se modificou conforme os desdobramentos da humanidade e, dessa forma chegou no ponto tanto de legislação como práxis de sala de aula.

A educação como mecanismo de difusão da diversidade religiosa, representa um vetor que possibilita o somatório de sociedades e civilizações inteiras que cooperaram com religiões ricas em símbolos e identidades, para que o conhecimento humano possa prosseguir de tal forma que, as religiões que estão presentes em todas as áreas sejam reconhecidas em sua multiplicidade.

Pode-se constatar que o professor é um sujeito com um alto grau de importância no processo, que é complexo de articulação de saberes em sala de aula. Nesse sentido, pensar o docente como uma figura que também necessita reificar seu

lugar de atuação, tipifica uma preocupação para o ensino nos dias de hoje (SORDI; LUDKE, 2009, p. 313).

Mas, no entanto, o sistema educacional ainda contém discrepâncias que impedem o pleno desenvolvimento do exercício docente por assim dizer. Um ponto que pode ser ressaltado é a retirada das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, por exemplo; os temas transversais e do modelo de competências e habilidades presente na BNCC do Ensino Médio, que simbolizam que a atuação de professores ainda é um campo que demanda novas referências e metodologias que potencializem o trabalho do magistério. O presente material se direciona para se incluir como uma alternativa para docentes adotarem o seu uso na ministração de aulas pensando questões como religião, direitos humanos e racismo religioso.

A BNCC (BRASIL, 2018) aponta que na disciplina de história o tempo e o espaço constituem variáveis fundamentais para compreender a constituição de povos, sociedades e grupos que foram alvo de processos de dominação; como negros, mulheres, indígenas e desse modo construir uma visão crítica no corpo discente dos percursos históricos e dos sentidos presentes em um tempo não linear ou homogêneo e que demanda uma postura ética mediante a perspectiva do humano como múltiplo e diversos em suas mais distintas acepções culturais e religiosas.

Concepções sobre a centralidade de um território em detrimento de outros, como o eurocentrismo, denotam a necessidade do ensino de história desnaturalizar questões que estão diluídas na sociedade; filhas do colonialismo, como a subalternidade da África e a identificação do Ocidente como berço da civilização e do progresso, portanto, vislumbrar os processos de exclusão históricos e da estigmatização inclusive com um discurso de natureza religiosa, como a catequese colonial e posteriormente a própria ideia de democracia racial que invisibiliza a condição de subserviência dos povos indígenas e do negro no Brasil devem pautar o fazer pedagógico do professor de história (BRASIL, 2018).

Para Circe Bittencourt (2018, p. 127) durante séculos a fio a história enquanto disciplina foi identificada como um saber meramente de memorização de datas, nomes e lugares sem contribuir para a formação do sujeito do seu ponto de vista ético e na construção de uma sociedade livre de preconceitos e desigualdades. Nesse aspecto o campo da história em suas pesquisas acadêmicas tem reformulado as bases do ensino a que se dedica, percebendo a história de grupos até então esquecidos como; os negros, indígenas e mulheres.

Portanto, segundo propõe Almeida (2011) o mundo moderno passou por um forte período de secularização e desencantamento em relação ao fenômeno religioso, este fato se deu em uma dimensão da macroestrutura social, no entanto, o cotidiano das pessoas continuou sendo influenciado pela presença do sagrado e suas simbologias. Nesse sentido, o saber advindo da universidade enfrenta na sua transposição didática para o ensino básico um grande desafio ao passo que a cultura vivida pelos estudantes não vê nas aulas tendo como base o cientificismo e razão como interessantes.

Nessa perspectiva, o ensino de história e a questão religiosa precisam ser observados como indissociáveis, à medida que o professor consiga operar com o contexto de seus alunos e a partir dessa referência desenvolver em sala de aula os conteúdos que, principalmente, desnaturalizem os preconceitos e estereótipos quanto as religiões mais marginalizadas e consideradas nocivas como é o exemplo das matrizes africanas (ALMEIDA, 2011).

Historicamente, as religiões de matrizes africanas foram consideradas como demoníacas e identificadas com a ideia de barbárie, desse modo, a disciplina de história ao traçar o percurso de violência contra o negro e de construção da África como territorialidade sem história (PEREIRA, 2019) tipificam como objetivos uma educação que se preocupa com a pluralidade e superação do racismo em todas as vertentes da constituição do conhecimento histórico na contemporaneidade.

Como habilidades específicas das ciências humanas e sociais desponta o estudo sobre as fronteiras entre os territórios, e como as culturas e saberes estão atrelados a um discurso de poder, e a história enquanto componente curricular representa um espaço de reflexão e de ação mediante uma realidade que cristalizou formas de ver o mundo ainda segregadoras e que em termos da falta de conhecimento sobre povos e sociedades estigmatizadas reproduz a intolerância cultural e religiosa (BRASIL, 2018).

Dessa maneira, entender o ensino de história também como um lugar de tensões, e conflitos onde, transformar perspectivas de pensamento dos estudantes se torna o objetivo docente; saindo do lugar comum de um saber homogêneo e colonizado fazendo valer os direitos humanos, como bem pontua a habilidade de número 5 das ciências humanas e sociais aplicadas : Identificar e combater às diversas formas de injustiça, preconceito, e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. (BRASIL, 2018).

O presente caderno pedagógico se volta para as discussões do ensino de história no 2º ano do Ensino Médio, tomando como premissa os processos históricos de apagamento que a população negra e o continente africano enfrentaram com o comércio transatlântico e a escravidão na América Portuguesa, e a participação religiosa nesse contexto de violência física e simbólica (BOULOS, 2016).

4. A REFORMA PROTESTANTE

A Igreja Católica monopolizou por séculos o exercício da fé cristã, mas em 1517 um monge que lecionava em Winttenberg chamado Martinho Lutero, publica um documento que ficou conhecido como as 95 teses da Reforma Protestante, e inaugura um movimento totalmente novo, questionando a outorga do catolicismo sobre a mediação quanto a salvação, às indulgências; que eram o perdão de pecados e a simonia; venda de objetos considerados sagrados. Lutero incendiou a Europa com suas concepções reformadas e levou a outros homens o protagonismo da salvação somente pela graça e as solas da Reforma Protestante, como; João Calvino, Ulrico Zwinglio e Thomas Muzzer.

HABILIDADE

(EM13CHS201) Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

Nascido em 10 de novembro de 1483 na cidade de Eisleben na Alemanha, Martinho Lutero recebeu uma educação familiar extremamente autoritária o que fez com que desenvolvesse uma profunda introversão.

Era filho de Margarida Lutero e Hans Lutero. O pai trabalhava em minas de cobre, o que levou a família para a cidade de Mansfeld. Aos 14 anos Lutero ingressa na escola latina de Magdeburg e nesse momento recebe ensinamentos cristão mais profundos. Lutero viveu em um tempo em que o medo do inferno era uma prerrogativa, e que as pessoas ouviam as pregações e se aterrorizavam com a possível perda da salvação. No entanto, diferente do que se pode pensar, as reminiscências das culturas populares permanecem incidentes com suas credices e superstições. Em 1501, aos 16 anos, Lutero ingressa na Universidade de Erfurt e recebe como resultado de sua dedicação o apelido de "O Filósofo." Lutero se aprofundou na vertente nominalista do pensamento que questiona a aproximação entre fé e religião, tendo como base teórica, a escolástica. Um episódio que mudou os rumos da vida de Lutero foi quando ocorreu uma forte tempestade e na iminência da morte, devotou a Deus que se escapasse com vida se dedicaria a vida monástica. O período da Idade Média foi de poder dos monastérios que enriqueciam enquanto seus ministros pregavam uma vida abnegada e simples. Em 19 de outubro de 1512, Lutero conclui o doutorado em Teologia e é convocado a visitar Roma, onde vislumbra os problemas da Igreja com a venda de indulgências, que seriam o perdão de pecados que geravam fonte de renda para a Igreja Católica. É esse cenário que induz Lutero a proferir os sermões contra as indulgências em 1516 e 1517, ano em que se atribui a fixação das 95 teses no Castelo de Winttenberg. Rapidamente as teses de Lutero foram disseminadas pela Europa, representada através da imprensa, as ideias podiam se difundir com agilidade. Depois de muitas tentativas papais de retratação de Lutero quanto as suas teorias, em 3 de janeiro de 1521 Martinho Lutero é excomungado da Igreja Católica. Lutero se casa com Cantarina Von Bora, uma ex – freira com quem tem seis filhos, o que marca seu rompimento com a Igreja Romana. Em 1546 Lutero morreu na cidade de Eisleben. (SANTOS, 2017, p, 24)

Durante a Idade Média, o domínio da Igreja Católica foi inexorável, o papa detinha o controle tanto da vida religiosa das pessoas como da vida econômica, muitos camponeses usufruíam de terras que eram propriedade da igreja no período de prevalência do sistema feudal. Porém, com a teoria reformada que questionava a legitimidade da Igreja para intermediar a relação entre o homem e Deus, a Reforma Protestante foi responsável por reduzir o poderio católico e inaugurar um novo tempo no panteão religioso do cristianismo pelo mundo.



FIGURA 4 - MARTINHO LUTERO PREGA AS 95 TESES NO PORTÃO DE WITTENBERG
FONTE: DW, 2016

O período que antecedeu a Reforma foi de intensa efervescência, não somente no âmbito teológico-religioso, mas nos cenários da política, cultura e também da economia em uma fase de transição entre o mundo medieval, e o mundo moderno na iminência de seu despertar. (BURMMAN, 2016, p, 220)

João Calvino era francês e nasceu em 1509. Atuou como teólogo, bibliasta, jurista, pastor e também se ocupou de assuntos da vida política, economia e sociedade. João Calvino entrou em contato com o humanismo cristão na Universidade de Bourges. Calvino viveu um despertar espiritual que o fez romper com a Igreja Católica, e aderiu ao protestantismo. Ao precisar fugir da França, João Calvino atuou como pastor em Genebra, Suíça, de 1536 a 1538, depois em Estrasburgo até o ano de 1541, posteriormente regressou a Genebra.

Após sua inserção no protestantismo, Calvino fortaleceu os ensinamentos propostos por Lutero. Em suas pregações com a tônica da salvação pela graça mediante a fé, e não por obras, indicavam como o vínculo com as concepções luteranas era concreto. As teologias defendidas por Calvino como, por exemplo, da eleição e da perdição, que teve uma base bíblica diretamente influenciada pelas concepções de Lutero, que lhe era uma relevante referência foram uma característica marcante de seus sermões.

Calvino protagonizou em um tempo de transformações, profundas formulações teológicas que impactaram não somente o Protestantismo, mas o mundo moderno como um todo. Os seguidores de Calvino implantaram igrejas que ficaram conhecidas como presbiterianas do grego presbyteros (ancião).

Dentre o foco da pregação de Calvino se encontra a questão do pecado humano e a impossibilidade humana de conhecer a Deus sem o estudo das escrituras, e deu ênfase a soberania divina, tendo em vista, a liberdade de Deus em salvar quem Ele bem entendesse. Calvino faleceu em 1564.

(WERNER, 2016, p. 237)



FIGURA 5 - FIGURA 5 – JOÃO CALVINO

FONTE: CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER, 2020

Os ideais da Reforma Protestante receberam como herança, uma série de insatisfações e inquietudes que foram reprimidas ao longo do Cristianismo.

Assim sendo, pode-se constatar que as contestações e a pluralidade de pensamento e de práticas religiosas consistem em um território próprio do cristianismo mesmo que se priorizando uma vertente em detrimento das outras (BURMANN, 2016, p. 219)

O contexto histórico que pairava sobre os antecedentes da Reforma indicavam o novo momento, e cenário que estava prestes a chegar. A invenção da Imprensa que, permitiu a difusão de ideias religiosas e filosóficas com muito mais alcance foi um dos fatores que incidiu para que a Reforma fosse muito mais efetiva.

A ascensão do mercantilismo com o advento das tecnologias de navegação ocasionou uma nova forma de economia que desponta no alvorecer da Idade Moderna, havendo portanto, uma substituição do modelo de economia feudal pelo mercantilismo. O enfraquecimento da economia feudal foi dando espaço a um nova classe no controle econômico europeu, a burguesia. A burguesia buscava se inserir como uma nova força social e diminuir a abrangência do poder do clero, introduzindo um governo civil nas cidades. (BURMANN, 2016, p. 221).

O período da Reforma traduz um cenário no qual a secularização da Europa se alavancou com uma centralidade do homem em uma perspectiva de autonomia nas ciências, e conhecimento independentemente de entidades divinas ou mesmo sobrenaturais. (BURMANN, 2016, p. 221).

A Reforma Protestante se deu em um intervalo temporal onde a busca pelos fundamentos da Antiguidade Clássica era amplamente buscados, seja na filosofia, na literatura ou mesmo na arte (BURMANN, 2016, p. 221). Caracterizava-se por uma procura pelo elo perdido entre o mundo Europeu e as antigas civilizações greco-romanas.

Os Tempos Modernos ficaram marcados como uma época em que inúmeros acontecimentos pulsaram de modo a causar mudanças estruturais nas bases da sociedade europeia, como ,por exemplo, para além do Novo Mundo e da Imprensa, a apresentação de novos conceitos sobre o Estado no campo da política com Nicolau Maquiavel (1459-1527), na área da economia com a elaboração dos fundamentos do que viria a ser o capitalismo pré- moderno e a própria revolução científica liderada pelo estudioso Nicolau Copernico (1473-1543), assim como o marco da Reforma Protestante. (MAINKA, 2001, p. 141)

Corriqueiramente, o movimento da Reforma está somente associado com a figura de Martinho Lutero tanto na Alemanha como em toda a Europa com a fixação de suas 95 teses na porta do Castelo de Winttenberg, de fato seu protagonismo como pai da Reforma Protestante foi deveras importante. Porém, outros homens também tiveram uma destacada participação no processo de consolidação dos ideais reformados como ,por exemplo,, Ulrico Zwinglio, o próprio pai do calvinismo; João Calvino, assim como Tomás Müntzer (MAINKA, 2001, p. 141)

A teologia da Reforma, que teve repercussões em todas as áreas da vida humana foi muito abrangente e extremamente heterogênea em suas plurais formas de manifestação. Portanto, não se pode cercear o pensamento da Reforma unicamente na figura de Lutero. Na verdade as proposições de Martinho Lutero, mas na realidade está vinculado a inúmeros sujeitos que protagonizaram a defesa dos princípios da justificação pela fé dentre outras concepções que caracterizam a Reforma. A teologia Reformada abarcava tanto os pensadores que ficaram ao lado de Lutero como; Melanchthon, e do mesmo modo aqueles que se distanciavam dele como Andreas Karlstadt (1480-1541) e o próprio teólogo e revolucionário Tomás Müntzer (1489-1525). (MAINKA, 2001, p. 142).

Contemporâneo ao movimento da Reforma foi também o movimento humanista, que teve inúmeros pensadores que contribuíram com as ideias reformadas, tendo em vista que desferiam críticas a Igreja e exigiam reformas urgentes. Esses dois movimentos cooperaram entre si até terminar a disputa a respeito do livre arbítrio entre, Martinho Lutero e o famoso humanista Erasmo de Roterdã (MAINKA, 2001, p. 142)

No cenário da Alemanha, o destaque como líderes da Reforma extrapola a figura de Lutero, mas também traz para o centro da discussão o teólogo e defensor das causas revolucionárias Tomás Müntzer. Por vezes esses dois personagens icônicos para pensar o processo da Reforma Protestante estiveram muito próximos, mas também em posições diametralmente opostas (DREHER, 2006, p. 145).

A principal divergência entre as concepções luteranas e as de Müntzer estão relacionadas a questão das guerras camponesas, e ao passo que as ideias que defendia o colocaram em uma dupla posição: assim como era teólogo também era revolucionário. Tomás Müntzer buscou fundamentar teologicamente as perspectivas na qual se engajava. Na visão proposta por Müntzer, o que igualava os homens era o fundamento da fé cristã, que diferente de Martinho Lutero que dizia ser a Palavra. Müntzer afirmou que era a comunhão com o Espírito Santo que fazia com que todos aqueles que estavam debaixo da sua ação fossem incluídos em um plano comum (DREHER, 2006, p. 149).

A Reforma Protestante foi um movimento que impactou o cristianismo e a sociedade ocidental causando uma divisão teológica que se estendeu a outros aspectos da vida humana como; a política, a economia e a sociedade como um todo. Sua influência teve um alcance de grandes proporções que foram maximizados por outros fatores como ,por exemplo,; o advento do Humanismo e do Renascimento (BURMANN, 2016, p. 221). A partir desse contexto foi se compreendendo uma nova relação entre o homem e Deus, e sobre a concepção a respeito do próprio homem. O movimento da Reforma acendeu uma preocupação sobre a necessidade de remodelar a mensagem cristã de modo a atingir as pessoas conforme a realidade em que se viviam (BURMANN, 2016, p. 218)

Ulrico Zwinglio nasceu em 1484, em Wild Haus no cantão Toggenburg, no nordeste da Suíça, filho de um camponês abastado, teve sua formação nas escolas da Basileia e Berna, a partir de 1498 passou a frequentar a Universidade de Viena na Áustria, local estratégico do pensamento humanista da época.

Em 1502, Zwinglio assumiu o cargo de professor escolar da Universidade da Basileia que era um dos centros do humanismo suíço.

A principal obra de Zwinglio que data de 1525 chama-se De vera et falsa religione ...commentarius [Comentário sobre a verdadeira e a falsa religião].



FIGURA 6 - ULRICO ZWINGLIO
FONTE: DA AULA, SÓ SEI QUE TUDO PESQUISEI, 2016.

Com o intuito de uma melhor divulgação da Palavra de Deus, Zwinglio como chefe de educação, estabeleceu no dia 19 de junho de 1525, na Catedral, uma escola bíblica, a assim chamada Prophezi [Profética], na qual os futuros teólogos eruditos da cidade deveriam ser instruídos. Essa escola tornou-se um modelo de ensino não somente em Zurique onde a faculdade teológica e a universidade partilharam dela, mas também para a formação escolar de sacerdotes protestantes em outros países.

A Escola Prophezei que formou inúmeros eruditos e representantes da fé reformada teve dois produtos literários de grande importância: a priori uma tradução dos profetas do Antigo Testamento para o alemão num trabalho coletivo, publicada em 1529, a assim chamada Bíblia de Zurique; posteriormente foi escrito um comentário contínuo dos livros do Antigo Testamento que foram rapidamente disseminadas pela Europa.

Após 1525 com a consolidação da Reforma Zwingliana os conflitos externos se tornaram mais comuns, motivados principalmente pelas diferenças entre Zwinglio quanto a sua concepção sobre a Santa Ceia e a transmutação que negava, enquanto Lutero ratificava a presença do sangue e corpo de Cristo na Eucaristia. Zwinglio foi morto com 47 anos em 1531. (MAINKA, 2001)

Tomás Müntzer nasceu em torno de 1490, em Stolberg, na região do Harz. Sua família era abastada, estudou em Leipzig (1506) e em Frankfurt na der Oder (1512). Após alguns semestres de estudo, Müntzer abandonou os estudos em Leipzig para assumir a função de colaborador do ministério eclesiástico e funções de mestre escola. Em 1513 ou 1514 foi ordenado sacerdote. Em 1516 concluiu seus estudos em Frankfurt an der Oder. Ainda nesse ano assumiu a função de prepósito no convento feminino de Frose/Anhalt, onde em 1517 e 1518 entrou em contato com a discussão que se acendia em torno do professor da Universidade de Wittenberg, Martinho Lutero.

De 1517 a 1520 tornou-se adepto da causa luterana. Por indicação de Lutero, Müntzer se tornou em 1520 pregador do evangelho na cidade de Zwickau. Ao desenvolver leituras de místicos alemães, Müntzer pôde ter um verdadeiro encontro com Deus que se revela sem meios externos mas, aqueles que experimentam o que Müntzer denominava como “a noite” que se remetia a ser lançado por Deus no “desespero” para daí portanto, contemplar o dia que pode ser tipificado pela plenitude ou paz. Um outro momento importante na vida de Müntzer sua proximidade com tecelão Nicolau Stoch que liderava em Zwickau um grupo de cristianismo leigo. Nesse processo, Tomás Müntzer funda a nova Igreja Apostólica. Müntzer se refere a Igreja como um núcleo que funciona de maneira articulada, ou seja, em comunhão. Desse modo, o mais relevante neste modelo de igreja de Müntzer não em si a “Palavra” mas a conexão entre o fiel e o “Espírito”, a experiência entre o homem e a figura do consolador. Segundo Tomás Müntzer, Espírito Santo pode se manifestar em qualquer pessoa, pois, todos os seres humanos tem a possibilidade de fluírem no Espírito. Essa afirmativa faz com que todos os homens sejam iguais e nega as diferenças de classe e nacionalidade, colocando no mesmo barco toda a humanidade que é carente da busca pelo Santo Espírito. Conforme propõe Tomás Muntzer, Igreja é um lugar onde não há divisão ou contenda mas, pelo contrário deve haver um contexto de paz em sua plenitude.

Tomás Müntzer se casou com uma ex-freira assim como Martinho Lutero. O nome de sua esposa era Ottilte von Gersen com quem Müntzer teve um filho. A visão de Müntzer era de uma fé que servisse para a vida prática das pessoas, e sofreu severas perseguições. Müntzer foi capturado e morto em 27 de maio de 1525 na batalha de Frankenhausen, após um confronto que causou a morte de cinco mil camponeses que se recusaram a atender a ordem dos príncipes sobre entregar Tomás Müntzer (DREHER, 2006)



FIGURA 7 - TOMÁS MUNTZER
FONTE: DW, 2016

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Professor, desenvolva um projeto de construção de uma linha do tempo ilustrada em sala de aula sob o formato de painel mostrando os grandes líderes da Reforma Protestante, e como foi seu protagonismo nos seus respectivos países na Europa.

Objetivo	Explicar o percurso histórico da Reforma e seus principais expoentes.
Metodologia	Fazer uma pesquisa em sites e livros exibindo uma linha do tempo demarcada pelas figuras de cada reformador e delegar as equipes formadas pelos alunos a busca pelas biografias de Lutero, Calvino, Tomás Mutzer e Zwinglio
Avaliação	Participação, Criatividade e Organização.

Atividade 1

Título: A História da Reforma Protestante

Conteúdo Abordado: Antecedentes históricos da Reforma Protestante, seu contexto histórico, os aspectos do catolicismo que desencadearam as críticas de Martinho Lutero, a importância da imprensa na difusão das suas ideias e quais foram os seus fundamentos de crença.

Duração: 4 semanas

Materiais utilizados: Quadro, Pincel, Atividades impressas e Data Show

Disciplinas a serem trabalhadas: História e Sociologia

Objetivos:

- Compreender em que cenário histórico a Reforma Protestante se gestou.
- Apresentar aos estudantes, os princípios que regeram a Reforma, como a mediação sacerdotal somente na figura de Cristo e a leitura da Bíblia como chave para o processo de salvação.
- Relacionar a Reforma Protestante com outros eventos históricos como; a criação da Imprensa e o próprio humanismo.

Metodologia: Realizar de antemão aulas expositivas que trabalhem o histórico da Reforma Protestante, seus protagonistas, premissas e igrejas que derivaram deste movimento (DREHER, 2014) e posteriormente, em equipes desenvolver seminários cujo o tema seja Reforma ontem e hoje, observando as influências que o protestantismo assume na sociedade desde a sua fundação e como a sua cultura permeia a sociedade contemporânea.

5. O PROTESTANTISMO HISTÓRICO NO BRASIL

O contexto de chegada do movimento do protestantismo histórico no Brasil se conecta com uma série de mudanças estruturais na conjuntura da sociedade brasileira, principalmente com o alcance da liberdade religiosa, com a separação entre a Igreja e o Estado e a própria proclamação da República em 1889, que incitaram um novo panorama religioso no país e que demonstravam que as novas denominações iriam adquirir o protagonismo da maior força religiosa brasileira (CAMPOS, 2011, p. 508).

O protestantismo ao aportar no Brasil em um contexto de aumento da secularização e no alvorecer do processo de construção do Estado brasileiro; representou a possibilidade para uma dada elite do alcance da modernização, e do progresso já que essa corrente de evangélicos demonstrava superar as bases religiosas aqui existentes do catolicismo até então hegemônico.

Os protestantes históricos em suma são as denominações surgidas no final do século XIX em um contexto brasileiro de reconfiguração social e política, estão entre eles:

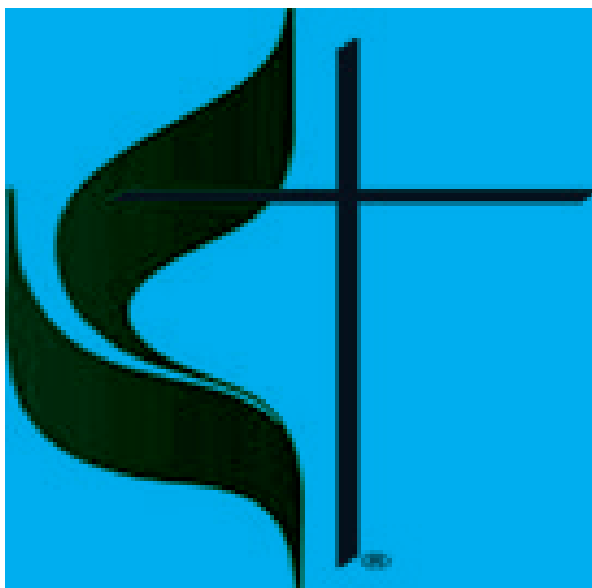
Habilidade

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Metodistas

Figura 9: Cruz e Chama

Fonte: Igreja Metodista - Porta Nacional, 2013



Fundada em 1835 por Fountain Pits, Daniel P. Kidder e Justin Spaulding. Se caracteriza como de matriz wesleyana e representa o melhor exemplo brasileiro de igreja de implantação missionária.

Presbiterianos

Figura 9: Sarça ardente

Fonte: Igreja Presbiteriana de Vitória, 2022



Fundada em 1859 por Ashbel Green Simonton. Esta igreja é conhecida pela sua matriz teológica calvinista e pela prática do chamado ascetismo intramundano.

Congregacionais

Figura 10: Igreja Congregacional

Fonte: Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil, 2022



Fundada em 1858 por Robert Reid Kalley. Se caracteriza como calvinista e puritana. Nasce no cenário da urbanização da cidade do Rio de Janeiro.

Batistas

Figura 11: Igreja Batista

Fonte: Gospel Mais, 2011



Fundada em 1882 por Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby. Herdeira dos norte-americanos que trouxeram esse tronco religioso para o Brasil

O protestantismo histórico, representou a manifestação religiosa de maior influência no Brasil de matriz não católica até o surgimento do pentecostalismo. A abordagem do protestantismo histórico era de busca por conversão o que rompia com a metodologia da Igreja Católica como maior vertente religiosa brasileira. A presença do protestantismo histórico configura um novo contexto no cenário histórico brasileiro onde, muitas tradições foram quebradas em um panorama no qual a cultura religiosa durante séculos havia sido majoritariamente católica (CAMPOS, 2011).

O período de chegada e estabelecimento das igrejas protestantes históricas no Brasil segundo Gouveia (2005), se estende de 1824 a 1916. Uma das características dessas instituições era o projeto proselitista, que os diferenciavam dos protestantes de imigração que não buscavam o processo de conversão de almas que era uma herança do período vivido nos Estados Unidos caracterizado como Grande Despertamento, e que elencou dois princípios básicos: um projeto de conversão como busca pela regeneração humana e a ética do trabalho como um critério moral. O desenho social brasileiro quando da implantação do protestantismo histórico foi necessariamente difuso e repleto de novos adventos como o franco processo de urbanização e industrialização.

Dentre os grupos de protestantes históricos a influência norte americana é perceptível pois, das quatro vertentes do protestantismo aqui estabelecidas apenas os congregacionais, de fundação escocesa, não tem sua origem na América do Norte (MENDONÇA, 2005, p. 54).

Uma questão importante a se ressaltar a respeito do aspecto histórico é que no período no qual suas denominações se instalam no Brasil a pauta sobre a abolição da escravatura está muito em voga, o que impele as novas igrejas a aderirem a um posicionamento teológico que ficou conhecido como “A Teologia da Igreja Espiritual”, que propõe uma divisão entre os universos espirituais e as discussões políticas que deveriam ficar a cargo do Estado somente (MENDONÇA, 2005, p. 54).

Nos anos de 1910 e 1911 chegaram ao Brasil os missionários ítalo americano, Luís Francescon e dois missionários suecos chamados Gunnar Vingren e Daniel Berg, sob a influência do avivamento vivido na América do Norte. Este cenário da chegada do movimento pentecostal vai coincidir com um panorama de declínio do protestantismo histórico, que não conseguiu coadunar sua atuação com a concepção de progresso esperada desde a sua implantação no Brasil.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças*. Horizonte, Belo Horizonte, v.9, n.22, p.504-533, jul./set.2011 – ISSN: 2175-5841

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Professor, promova um debate em sala de aula problematizando os aspectos históricos e sociais que favoreceram o crescimento dos protestantes históricos no Brasil; como, por exemplo, a liberdade religiosa, a República e o fim do monopólio da fé pela igreja católica.

Objetivo	Observar quais fatores cooperaram para a permanência e crescimento do protestantismo histórico nacionalmente.
Metodologia	Utilizar artigos publicados em revistas científicas, analisando quais características regem os históricos como; força religiosa e herdeiros dos princípios da Reforma Protestante.
Avaliação	Participação, Criatividade e Organização

Atividade 2

Título: O Protestantismo Histórico ao longo da história

Conteúdo Abordado: Apresentar de forma didática e cronológica todo o processo de chegada e implantação do protestantismo histórico no Brasil, desde o protestantismo colonial, de imigração, chegando aos históricos ou de missão, percebendo seus fundamentos e quais foram as influências entre os brasileiros. Ver também dados do IBGE a respeito dos números que expressam os seus quantitativos nos dias de hoje.

Duração: 4 semanas

Materiais utilizados: Quadro, Pincel, Atividades impressas e Data Show

Disciplinas a serem trabalhadas: História e Sociologia

Objetivos:

- Despertar nos alunos o interesse pela história e relevância dos protestantes históricos.
- Relacionar o fortalecimento da sua presença no Brasil com um cenário religioso mais plural e diverso.
- Apresentar as igrejas na contemporaneidade que podem ser consideradas como protestantes históricas e desafiar os alunos a construir uma pesquisa que demonstre as transformações que estas sofreram do seu período de fundação até hoje.

Metodologia: Desenvolver uma aula expositiva, adotando as referências de Dreher; Westphal; Huff; Dias; Valverde; Rodrigues (2014) didatizando os seus conteúdos de forma que os alunos consigam entender como os ideais da Reforma estão presentes na estrutura teológica, e de ação dos históricos e como sua visão de mundo se integra em um contexto de diversificação da fé, de novas conjunturas econômicas e políticas no Brasil.

6. O PENTECOSTALISMO E SUAS ORIGENS

O pentecostalismo tem como seu marco inicial o milagre da Rua Azusa Street na cidade de Los Angeles, quando o filho do ex-escravo William Seymour, depois de suas experiências com as chamadas igrejas Holiness ;que eram uma espécie de experimento da presença de pentecostes com manifestação de línguas estranhas que denomina-se como “glossolalia”, obteve uma grande onda de milagres, curas e maravilhas preenchidas também pelo falar em línguas dos anjos.

Antes de William Seymour, um outro pastor também divulgou e difundiu as ideias que foram base para fundamentar o pentecostalismo. Seu nome era Charles Parhan e William Seymour foi seu aluno, no entanto, Parhan era segregacionista e não aceitava alunos negros em suas aulas, portanto, Seymour assistia as aulas do lado de fora para poder acompanhar seus ensinamentos. Depois que William Seymour teve contato com as igrejas holiness, partiu para a cidade de Los Angeles onde alugou um prédio e fundou sua própria igreja (FREESTON, 1993; ALENCAR, 2014)

O contexto dos Estados Unidos no momento da explosão do pentecostalismo em seu território é de extrema segregação racial, ou seja, havia lugar de brancos e lugar de negros com a ascensão da militância racista na figura de organizações supremacistas como a Ku Klux Klan ,que rotineiramente aparece em produções cinematográficas quando o tema racismo é explorado no cenário dos Estados Unidos, demonstrando o grau de aversão de parte da sociedade estadunidense a presença e direitos alcançados pela população negra.

Habilidade

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Figura 7: Ku Klux Klan, grupo supremacista branco

Fonte: DW, 2016.



As igrejas holiness podem ser consideradas antecessoras das igrejas pentecostais, pois, se dedicavam a busca pelos dons espirituais e foram a referência de manifestação dos dons espirituais para Seymour quando visitou um de seus trabalhos e após essa experiência fundou a Missão de Fé Apostólica.



Figura 8: William Seymour (1870 – 1922)

Fonte: Pleno News, 2020

A Missão de Fé Apostólica. É interessante que anos depois, mais precisamente em 1911, os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren fundam uma igreja na cidade de Belém, no Brasil, com o mesmo nome, que em 1918 viria a se chamar Assembleia de Deus (FRESTON, 1993).

O pentecostalismo chega no Brasil através primeiramente de Louis Francescon, com a experiência de um modelo europeu, mais precisamente italiano, da Congregação Cristã do Brasil e com os dois suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que desenvolveram através de um lugar social inspirado no cenário da Suécia e no avivamento vivido na América do Norte, um projeto denominado como Missão de Fé Apostólica, semelhantemente ao nome da igreja de William Seymour, nos Estados Unidos (CAMPOS, 2005).

A Congregação Cristã do Brasil fundada pelo ítalo americano Louis Francescon, começou seus trabalhos no ano de 1910 e se localizou a princípio nos estados de São Paulo e Paraná e se caracteriza pelo seu credo calvinista e de ascetismo em relação as influências externas. Nesse sentido, a igreja, diferente da Assembleia de Deus que desde a sua fundação passou por um forte processo de modernização, esta pouco mudou ao longo do tempo. Sua liturgia se volta para a modéstia nas vestes e na valorização dos testemunhos durante a celebração dos cultos e um outro ponto da sua vertente religiosa é a apoliticidade, seus membros inclusive não podem se candidatar a qualquer cargo eletivo. Essa característica de afastamento da CCB do campo político lhe resguarda em termos de controle das próprias decisões dentro da igreja, sem qualquer intervenção de grupos políticos ou de interesses a parte da congregação. (CAMPOS, 2005)

Figura 9: Louis Francescon (1866 – 1964)

Fonte: Nós Cremos, 2012



Figura 10: Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933)

Fonte: AD Hortolândia, 2015



A chegada ao Brasil dos líderes religiosos suecos que passaram pela Igreja Batista em Belém, onde começaram sua caminhada ministerial mas, da qual foram expulsos em 1911 tendo em vista a manifestação de línguas estranhas; as chamadas línguas dos anjos ou em termos mais científicos a glossolalia pela Irmã Celina Albuquerque, o que causou uma debandada de irmãos da Igreja Batista e fez com que fundassem; A Missão de Fé Apostólica, que carrega o mesmo nome inicialmente da igreja fundada por William Seymour nos Estados Unidos. Porém, em 1918 a denominação passaria a se chamar Assembleia de Deus, instituição que se tornaria a maior congregação evangélica do país (CAMPOS, 2011).

O pentecostalismo carrega como principais características; o fato de quebrar com o monopólio, ou seja, o domínio da religião pelas duas forças que mais fieis reuniam no Brasil, a Igreja Católica e os protestantes históricos, que não conseguiam atingir no início do século XX as grandes massas, que se ligaram aos pentecostais em busca de sanar suas necessidades que não eram atendidas pelas abordagens de outras manifestações religiosas, o pentecostalismo se popularizou entre as camadas mais pobres, mulheres e negros no país, com o discurso de separação do mundo e na experiência de vivenciar o sobrenatural vindo de Deus a todo aquele que crê (CAMPOS, 2011).

Na concepção apresentada por Campos (2011), o pentecostalismo tem como características a sua dinâmica e mentalidade em relação aos seus princípios e valores que se mostram mais flexíveis que no protestantismo histórico, fato este que levou a fé pentecostal a tipificar um potencial de adaptação a cultura popular brasileira, o que provocou uma adesão numérica muito mais significativa no país, portanto, acontece uma plasticidade das fronteiras de normas e doutrinas que regem o pentecostalismo que em vez de estabelecer uma tradição rígida se posiciona de uma maneira incomodativa às questões sociais e aqueles que estão à margem da sociedade como; os pobres e excluídos.

6.1 Os Neopentecostais e suas estratégias no campo religioso

Na análise desenvolvida a respeito dos pentecostais de terceira onda como bem afirmam Freston (1993) Oro (2001) e Mariano (2005), sabe-se que a partir da década de 1970, igrejas como a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), estabelecem uma nova leitura quanto aos cultos e cultura adotada; que inovaram entre os pentecostais. O uso massivo das mídias, televisão, jornais impressos e a adesão a teologia da prosperidade, são características fundamentais para compreender o crescimento neopentecostal no Brasil. Para Leonildo Campos (1997), em meio a uma sociedade secularizada onde os valores se tornaram mais plásticos com uma tendência relativista da religião, o neopentecostalismo propõe um retorno ao mágico e sobrenatural e do mesmo modo fazem uma inclusão da prosperidade dentro do seu escopo de modo que, a sociedade de consumo passa a contar com um discurso religioso que chancela o sucesso financeiro que era em outros contextos, mal vistos pelos grupos tradicionais de pentecostais.

A retórica neopentecostal de perseguição às religiões afro-brasileiras são notórias em programas difundidos com exorcismos e invocação de entidades, que, supostamente seriam de matriz africana, porém a IURD, por exemplo, incorpora elementos e símbolos que são próprios de religiosidades como; a umbanda e o candomblé. Desse modo, as igrejas neopentecostais se mostram dualistas em uma constante briga entre Deus e o Diabo, o demônio sendo associado com as religiões afro-brasileiras e espíritas (MARIANO, 2005, p. 111). Portanto, pensar a intolerância religiosa no âmbito do neopentecostalismo denota um campo fértil para entender como a fé nos dias de hoje reproduzem o racismo sobre diferentes estratégias de dominação.



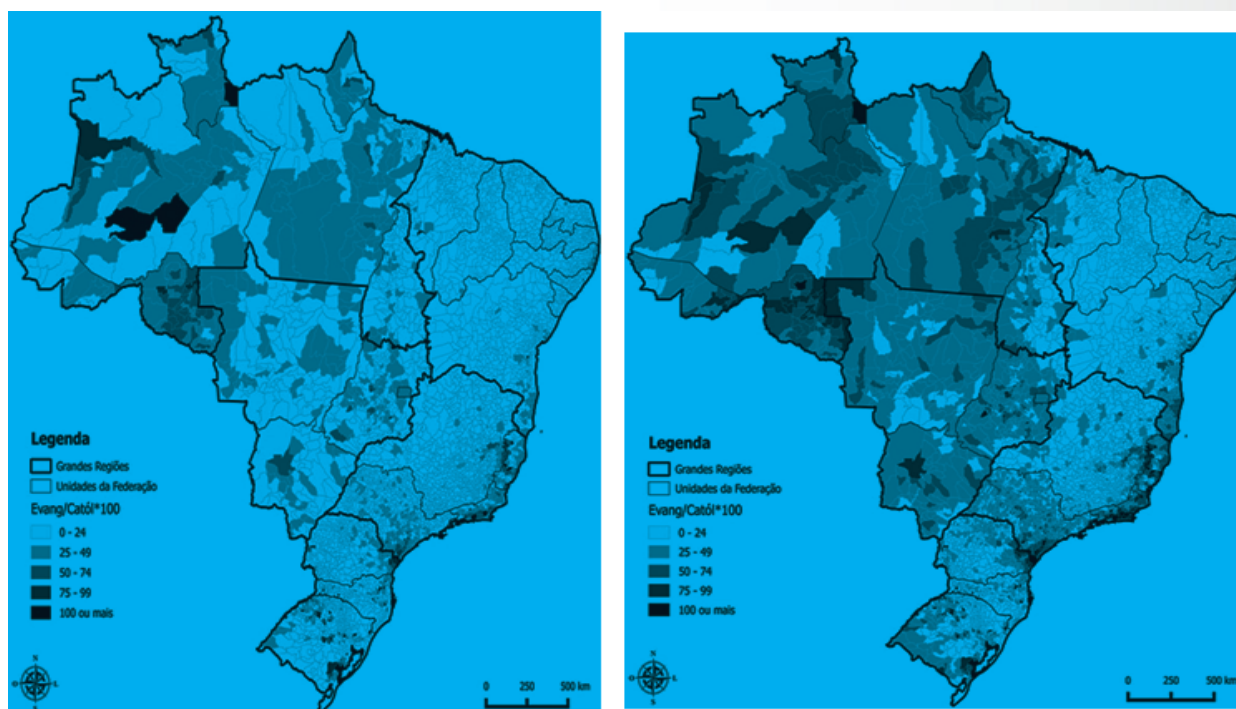
Figura 11:
Templo de Salomão IURD
Fonte: Isto é dinheiro, 2021

6.2 O Crescimento Pentecostal na sociedade brasileira

A transição religiosa vivida no Brasil tem se apresentado como um fenômeno com influência e que se intensifica numa realidade de diversidade de ritos e manifestações religiosas (ALVES, 2017), onde, apesar da multiplicidade dentro do campo da fé as práticas de intolerância ainda se mostram incidentes e a questão do negro e da demonização da África permanecem resilientes como alvos de um processo de franco racismo religioso.

O avanço dos pentecostais com características religiosas proselitistas denunciam uma trajetória do campo religioso nacional que, se desloca do catolicismo hegemônico e passa a se pluralizar em uma tendência conhecida como “pentecostalização” da sociedade que, entre os últimos censos do IBGE em 2000 e 2010 como pontuam os mapas; tem se consolidado tanto com o aumento de pentecostais como uma maior distribuição no território nacional da sua presença (PY, PEDLOWISKY, 2020).

**RAZÃO DE EVANGÉLICOS POR CATÓLICOS (100)
EM CADA MUNICÍPIO BRASILEIRO NOS ANOS 2000 E 2010**



Fonte: ALVES et. al,2017

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Professor, separe a turma em grupos e estabeleça que cada equipe vai adotar uma igreja pentecostal no Brasil e proponha uma espécie de etnografia des-sas, onde os alunos farão um mapeamento de informações sobre a história, seus fundadores, número de membros e principais mudanças em seu escopo com o passar do tempo e desse modo construir os e-book da turma com os resultados obtidos nas pesquisas.

Objetivo	Desenvolver um levantamento sobre o panorama do pentecostalismo no Brasil, seus aspectos históricos e transformações sofridas.
Metodologia	Adotar materiais como os da RELEP (Rede Latino Americana de Estudos Pentecostais) e ABHR (Associação Brasileira de História da Religião) para pontuar o percurso que o pentecostalismo assumiu e qual o cenário da atualidade, as principais denominações, seu número de membros e perfis etários, de gênero e socioeconômico.
Avaliação	Participação, Criatividade e Organização

Atividade 3

Título: O pentecostalismo em suas múltiplas interfaces

Conteúdo Abordado: As origens do pentecostalismo desde os Estados Unidos com William Seymour (CAMPOS, 2005), as primeiras denominações pentecostais no Brasil, a expansão das correntes pentecostais e compreender os fatores que favorecem o crescimento do pentecostalismo no Brasil, sua característica mais popular e protagonismo das mulheres e da população negra em seu seio.

Duração: 4 semanas

Materiais utilizados: Quadro, Pincel, Atividades impressas e Data Show.
Disciplinas a serem trabalhadas: História e Sociologia

Objetivos:

- Construir um panorama da história do pentecostalismo.
- Demonstrar aos estudantes como a presença pentecostal influencia nas decisões políticas e sociais no contexto dos brasileiros.
- Explicar que o pentecostalismo opta por uma abordagem proselitista e entender como a intolerância religiosa pode surgir a partir dessa estratégia de conversão.

Metodologia: Desenvolver em sala de aula uma dinâmica intitulada: O que é ser pentecostal? Distribuir entre 4 equipes as principais características que balizam o pentecostalismo e propor que as exponham de forma cadenciada no formato de jogral construindo um mosaico sobre em que consiste ser pentecostal, seus preceitos de fé e fundamentos; como a busca pelos dons espirituais, o uso dos meios de comunicação e participação no cenário político.

7. Pentecostais, Racismo Religioso e Oralidade

A Educação é um processo que responde a cada tipo de cultura, a força das crenças e princípios do seu povo. Dessa forma, em uma comunidade ou país colonizado pode -se dizer que o ensino reverbera as propriedades presentes na constituição de seus valores e assim sendo; a não existência, a existência dominada e a desumanização são consequências de um mundo que se organizou entre o colonizado de um lado e o colonizador do outro (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 22).

Nesse aspecto, se a educação passou por uma colonização e a religião também se insere como um processo educacional em que um modo de ver o mundo é defendido e ensinado, é comum que a religião também responda aos mecanismos alojados dentro dos meandros que formam o pensamento colonial.

Como bem aponta Sergio da Mata (2010, p. 36)

Fora do Cristianismo, o que resta é "paganismo", "heresia", "idolatria", "superstição". Tal atitude perduraria por séculos, desestimulando qualquer iniciativa de se transformar a história eclesiástica numa história das religiões.

Atrelar educação e religião não é uma tarefa simples, principalmente sobre o prisma da colonialidade, pois ao associar esses três conceitos; se constrói uma convergência; que, no caso do presente trabalho busca explicar como os pentecostais respondem a uma lógica colonial e como esses reflexos podem servir de ferramenta para metodologias de combate ao racismo no cenário do ensino.

A oralidade é uma forma de linguagem que, historicamente se refere as camadas mais populares de pessoas no mundo, nesse quesito o falar pertence as comunidades mais simples e a escrita as classes mais favorecidas.

A Bíblia como documento escrito, conforme Mata (2010, p. 37), durante muitos séculos foi considerada um livro histórico e que apresentava uma fidedignidade explícita como uma expressão de coisas transcendentais supra-humanas que, compunham a existência num plano além do compreensível pelos homens, porém, uma visão absoluta da realidade pode ser reducionista e excludente com as muitas cosmovisões existentes.

Segundo da Mata (2010), é impossível que uma sociedade pluralista seja regida por uma ideia de religião restrita. Mas o que seria pluralidade?

Pluralidade vem da ideia da presença de muitos em atividade, e quando se trata do âmbito religioso, refere-se a diversidade religiosa como afirmada em 1948 pelo art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz:

“Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 4-5)

A necessidade de respeitar a pluralidade como um direito que assiste a todos é preponderante, e dentro do cenário do ensino, problematizar o fenômeno do religioso, configura um espaço de discussão necessário para pensar conflitos e formas de construir pontes de diálogo entre as diferentes manifestações religiosas que existem (JUNQUEIRA; REIS, 2020, p. 29).

No entanto, como situar os pentecostais nessa discussão? O que seria ser pentecostal?

Os pentecostais podem ser definidos como; um grupo com característica teológica que se distingue dos protestantes históricos, apresentando como sua crença principal a manifestação dos dons; sejam eles o falar em línguas, glossolalia, xenonalia, curas, milagres, profecias e a batalha espiritual através da expulsão de demônios.

SAIBA MAIS

O que é colonialidade?

A colonialidade do ser é a negação de direitos de africanos e indígenas em prol de uma máxima Europeia desde a modernidade até os dias de hoje, é a influência da Europa em detrimento de qualquer expressão cultural de outra nacionalidade. (OLIVEIRA; CANDAU, 2010, p. 22)

Quanto as origens do termo pentecostal se remete a Atos 2 da Bíblia Sagrada, quando 120 pessoas foram cheias do Espírito de Deus e falaram com poder em outras línguas como; que repartidas por fogo, segundo Campos (2018), o sentido espiritual associado a Pentecostes provêm de Joel 2.23 : “ Ó povo de Sião, alegre-se e regozija-se no Senhor, no seu Deus, pois ele lhe dá as chuvas de outono, conforme a sua justiça. Ele lhe envia muitas chuvas, as de outono e as de primavera, como antes fazia.

O pentecostalismo está relacionado a oralidade desde o seu início. O rompimento com a Igreja Batista, no início da Assembleia de Deus no Brasil, se dá pela oralidade pentecostal manifesta na glossolalia, associada a presença do êxtase (POMMERENING, 2008, p 9)

Pelo fato de ter sua origem entre grupos religiosos mais marginalizados como os pentecostais diferentemente da institucionalização dos protestantes históricos ou mesmo do catolicismo, a oralidade é uma espécie de linguagem que se dá de forma menos racional e mais voltada para a espontaneidade do sentimento, do frenesi.

A possibilidade da expressão através da oralidade torna o pentecostalismo uma vertente religiosa muito mais democrática, pois, inclui todos aqueles que não fazem parte do universo da escrita o que Pommerening (2014, p. 5) citando Hollenweger considera que no movimento pentecostal é revolucionário.

Um dos sinais do etnocentrismo e colonialidade, é subjugar o pentecostalismo por ser um tronco religioso que se vale mais da oralidade; como inferior, o estigmatizando e fazendo com que por ter uma racionalização distinta das demais, seja rotulado como mais simplório ou de lastro racional menor, ignorando a vasta riqueza cultural que a experiência pentecostal apresenta (POMMERENING, 2014, p. 6)

Os pentecostais no Brasil têm sua origem principalmente com a Assembleia de Deus no Norte e com o ciclo migratório do nordeste na fuga da seca, e por melhores condições de vida em São Paulo e Rio de Janeiro, bem como o surgimento da industrialização do Brasil, alguns desses sujeitos trouxeram a semente do pentecostalismo consigo (POMMERENING, 2008, p. 12)

SAIBA MAIS

O que são protestantes históricos?

Os protestantes históricos estão ligados a Reforma, a uma preservação da doutrina com mais zelo, pelo conhecimento das escrituras; são eles presbiterianos, metodistas, congregacionais e batistas (FRESTON, 1993)

O pentecostalismo surge como uma opção ao catolicismo, e ao protestantismo histórico que conforme Oliveira (2015, p. 18) praticamente ignoraram os negros.

O pentecostalismo é conhecido como a religião da emoção, (POMMERENING, 2008, p. 22) onde os dons se inflamam e o sobrenatural acontece.

A abertura ao espiritual, é a estrutura que organiza como os pobres se inserem no pentecostalismo, e dessa maneira fazem sua iniciação em meio aos dons e maravilhas que tanto caracterizam esta classe de indivíduos, e a influência de John Wesley que acreditava que a religião é uma experiência de encontro com Deus

Para Paulo Freire, quando do prefácio de 1997 de A Teologia Negra de James H. Cone, as classes dominadas e silenciadas podem falar apenas quando assumem o controle da história e acabam com o sistema opressivo que as subjuga (FREIRE, 1997, p. 32)

Portanto, pensar numa sociedade igualitária que não seja discriminatória ou mesmo meritocrática, revela a necessidade de um evangelho engajado nas causas sociais.

Para James Cone (1986, p. 37):

Quem foi John Wesley?

Precursor da Igreja Metodista juntamente com seu irmão Carlos Wesley no século XVIII na Inglaterra, tendo sua origem dentro da Igreja Anglicana e na Universidade de Oxford. Seus princípios eram educação, ensino, comunhão com Deus e serviço ao próximo. Os metodistas no seu início tinham como lema "Pensar e deixar pensar", o que remete a ideia de tolerância com formas religiosas distintas das que professavam. (VALVERDE, 2014, p. 138)

Teologia não é apenas um discurso racional sobre a realidade final; trata-se também de uma palavra profética com relação à justiça de Deus que deve ser proferida em uma linguagem clara, forte e inflexível

Assim sendo, o selo da justiça é um elemento intrínseco a Deus e Jesus como o verbo encarnado seu maior representante.

Para James H Cone (2020, p. 80) citando Karl Barth, Jesus é a norma para compreender a revelação de Deus, portanto, todos nós somos filhos de Deus e N'Ele está a nossa identidade.

Dessa maneira, Cone (2020, p. 81) ao afirmar que a consciência negra é um fenômeno recente advindo de inúmeras lutas e flagelos vividos historicamente pelo povo negro, é desse modo necessário fazer uma questão: O que significa quando os negros são confrontados pela brutalidade do racismo branco?

Nesse aspecto, a experiência negra para James Cone (2020, p. 81) é a chave para se compreender o racismo fora e dentro da igreja, no qual a população negra é vitimada dia após dia com a violência física, social e psicológica.

A oralidade como propõe Pommerening (2014, p. 2), é uma forma de existir, que relaciona sociedades inteiras com base na conexão verbal entre pessoas e grupos e no meio eclesial, nas igrejas isto não é diferente. As entrevistas realizadas neste trabalho demonstram a força da oralidade na estrutura organizacional das ADs.

A arte da poimênica de pastorear ovelhas, ou seja, pessoas que pertencem a um grupo, isto é, um rebanho no caso da Igreja; significa guiar com um dado objetivo e nessa perspectiva três elementos se coadunam no alinhamento das concepções teológicas e cotidianas da Assembleia de Deus: O pentecostalismo, a oralidade e o racismo que é reproduzido no interior cotidiano das igrejas, seja pela omissão a condição do racismo ou pela convivência e na vivência da própria memoresia.

8. História Oral e a Assembleia de Deus na Liberdade

Como afirma Eusébio de Cesaréia; a religião é um movimento assim como a política, cultura, economia que na sua devida medida respondem a seu tempo (CESARÉIA, 1955, p. 15)

Nesse tocante, ter um pastor negro à frente de uma grande igreja na capital de um dos estados mais sincréticos do país diz muito sobre as características que os pentecostais assumem na contemporaneidade.

A própria natureza do negro que se liga a devoção à natureza remete a uma fé muito pujante que dialoga com o sobrenatural e faz esses sujeitos perceberem Deus em toda a parte (OLIVEIRA, 2015, p. 48)

Segundo CARREIRO; FERRETI; SANTOS (2012, p. 124) a religião assim como os demais aspectos como a cultura e a sociedade foram fortemente influenciados pelo poder da elite no Brasil, nesse sentido, a introspecção colonial é um sinal do enquadramento dos indivíduos numa espécie de forma europeia que se sustenta hoje ainda como uma dada virtude ou civilidade.

SAIBA MAIS

O que é uma EBD?

Escola Bíblica Dominical é uma escola que acontece todos os domingos pela manhã com o uso da Bíblia e de lições da CPAD (Casa Publicadora da Assembleia de Deus), que repassa os valores e princípios da Assembleia de Deus.

(COELHO;COELHO;RIBEIRO, 2019).

A Assembleia de Deus ou melhor, as Assembleias de Deus como bem aponta Alencar (2014, p. 176) a mais brasileira das igrejas que responde a uma lógica ministerial com uma infinidade de grupos, se organiza com uma grande diversidade de desenhos estruturais de seu funcionamento, desde templos gigantescos até pequenas salas alugadas que cumprem o processo de evangelizar o mundo.

A escolha da Igreja Assembleia de Deus da Liberdade se deu pelo fato de localizar-se no coração do Bairro da Liberdade, que compõe o primeiro Território de Quilombo Urbano do Maranhão e um dos maiores da América Latina na cidade de São Luís.

As entrevistas foram muito surpreendentes, com irmãos afirmando que sim a igreja é uma instituição racista e que esse fenômeno precisa ser estudado. Portanto, se constatou que a Igreja da Liberdade é uma instituição híbrida, nem de teologia branca e também não é de teologia negra, mas possui traços identitários que respondem ao pertencimento ao Território Quilombola da Liberdade, assim como a lógica da tradição assembleiana.

Nesse aspecto, se concluiu que os discursos na fala dos líderes ministeriais foram tolerantes com a cultura negra, mas que estava sempre lá o discurso sobre haver uma mudança de vida em prol dos valores do cristianismo como se fosse impossível efetivamente combinar o universo da africanidade e negritude com o da fé cristã.

É necessário se fazer uma digressão sobre as origens do povo negro de forma que a africanidade deixe de ser relegada como uma maldição, mas pelo contrário, seja vista em sua beleza, riqueza cultural, imaterial e material para conseguir trazer a negritude para um novo lugar (OLIVEIRA, 2015, p. 90). Este lugar não mais de demonização, mas que seja vista na sua inteireza como uma dádiva de modo que o genocídio do povo negro cometido ano após ano seja mitigada cada vez mais.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Professor, oriento-o para uma oficina sobre oralidade como método de pesquisa, demonstrando as técnicas de entrevistas, produção de roteiros e faça um exercício prático levando os alunos a buscar a memória de igrejas pentecostais em seu entorno.

Objetivo	Mostrar que a oralidade é uma metodologia importante para a preservação da memória de grupos sociais.
Metodologia	Exibição de slides com as técnicas de entrevista e reprodução do processo de aprendizagem com personagens do pentecostalismo local.
Avaliação	Participação, Criatividade e Organização

Atividade 4

Título: Oralidade e Pentecostalismo

Conteúdo Abordado: Como a história oral está integrada na preservação da memória e identidades de sujeitos e coletividades, a partir disso entender a fala como um elemento próprio dos pentecostais onde o seu mais importante símbolo é de línguas que são sinais do próprio Espírito Santo é indispensável para compreender o fenômeno do pentecostalismo.

Duração: 4 semanas

Materiais utilizados: Quadro, Pincel, Atividades impressas e Data Show
Disciplinas a serem trabalhadas: História e Sociologia

Objetivos:

- Demonstrar que a oralidade é uma metodologia viável para compreender os percursos de personagens e eventos históricos.
- Perceber que o pentecostalismo ainda tem lacunas em muitas comunidades que através de seu mapeamento pela coleta de depoimentos pode ser perpetuado.
- Problematizar o valor de falas que podem reproduzir práticas de racismo e intolância a partir do discurso pentecostal.

Metodologia: Promover uma oficina de história oral tomando como base os trabalhos de Janaína Amado e Marieta Moraes para sistematizar os percursos que os estudantes devem desenvolver durante entrevistas com as personalidades que integram o pentecostalismo de sua localidade, levando em consideração suas crenças e historicidade.

9. Pastor Félix e a liderança da Igreja Assembleia de Deus no Território Quilombola da Liberdade

A igreja Assembleia de Deus nasceu a partir do ministério de dois missionários suecos; que receberam a influência estadunidense e com o embrião das igrejas livres que se opunham ao domínio das igrejas luteranas na Suécia (ALENCAR, 2014 p. 177). Portanto, as ADs surgem no Brasil a partir da cisão e do conflito.

Logo que iniciei a pesquisa de campo deste trabalho contactei o pastor presidente da AD do Bairro da Liberdade que prontamente se dispôs a ajudar no prosseguimento da pesquisa. O seu interesse na minha análise sobre a igreja foi de imediato, me dando espaço para fazer as entrevistas; inclusive cedendo o escritório pastoral.

O pastor Félix Lázaro; presidente da Igreja Assembleia de Deus no Bairro da Liberdade, narrou sua trajetória como um homem pobre e de cor preta que se viu em São Luís e alcançou um status de pastor e conseguiu ascensão social. Sua história lembra a do próprio Cristo que ao sair de Nazaré percorre a Judeia e Samaria para pregar a palavra de Deus. Quando do seu chamado para vida pastoral o Pastor Félix nos contou que uma mulher lhe fez um convite para celebrar um culto e nesse dia ele recebeu uma revelação.

Como bem adverte Claiton Pommerening, citando Bernardo Campos, sobre os critérios da pentecostalidade (2014, p. 9), os testemunhos adquirem o status de logos primário da fé pentecostal como uma teologia própria da pentecostalidade que é assertiva sobre testificar Félix em seu início de ministério narra ter recebido.

Quando o pastor Félix foi cogitado para o cargo de pastor a sua vontade ou de sua esposa foram colocadas a prova de modo que o interesse maior fosse a esfera da liderança da Igreja. Sua entrevista apresenta uma gama de elementos imprescindíveis para compreender o pensamento da liderança da AD da Liberdade e como sua atuação acontece e quais os mais relevantes aspectos de integração da igreja em relação a comunidade.

(EM13CHS501) Compreender e analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a autonomia e o poder de decisão (vontade).

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

FALA DO ENTREVISTADO:



Quando do chamado para ser pastor.....

Eu era muito envolvido no trabalho da igreja. Eu nunca tinha aquela perspectiva de dizer assim “ Eu estou trabalhando para ser pastor” ou que um dia eu vou ser pastor, eu trabalhava na obra de Deus por que de fato Deus tocava em mim nesse particular, embora aqui e acolá eu ouvia as pessoas dizerem assim, me chamar de pastor e eu dizer: Olha eu não sou pastor. Mas a pessoa dizia: Você ainda vai ser pastor. O certo é que foi indo nesse particular.

Em um certo dia, eu recebi a visita de uma pessoa, que inclusive não estava se congregando conosco, ela era afastada dos caminhos do senhor mas morava lá no Bairro e disse: Irmão Félix, eu gostaria que o senhor fosse fazer um culto na minha casa que o senhor convidasse alguns irmãos e eu perguntei: O culto dentro de casa ou fora? Ela respondeu que era dentro de casa, eu quero apenas que você convide o vocal de senhoras para ir participar do trabalho”. Tudo bem, convidei e convidei alguns auxiliares e lá na hora do culto eu dei oportunidade para o vocal, eu anunciei: Vamos ouvir o vocal louvar a Deus, que era o vocal de senhoras, e quando o vocal se pôs de pé aí Deus tomou uma irmã nesse momento e disse:”

Olha nesse momento Deus está preparando um varão e vai levar, ela não citou o nome de ninguém, só que nessa palavra dela, a palavra foi direcionada a mim, por que Deus tem a sua forma de trabalhar, então Deus tratou comigo, eu senti como se fosse uma faca, uma punhalada assim no meu coração aí o que eu fiz, o vocal começou a cantar, eu peguei minha lapiseira anoitei na minha harpa a palavra que a irmã tinha dito "Deus está preparando um varão e vai levar, só que nós já tínhamos perdido dois irmãos lá na igreja, dois auxiliares já tinham partido para a eternidade, então no outro dia pela manhã cedo; era um trabalho da campanha evangelística, nós saíamos todo domingo pela manhã seis horas para pregar a palavra de Deus e lá na hora eu fiz uma pergunta para os irmãos antes de nós irmos para a rua. Perguntei quem estava no culto. Alguns levantaram a mão. E eu disse: Vocês ouviram alguma coisa ontem à noite, alguém recebeu assim alguma palavra da parte de Deus, o que foi que vocês ouviram? Algo diferente aconteceu? Ninguém disse: não, não, tô procurando assim. Aí eu peguei e repeti: Vocês lembram que a irmã fulana de tal dos anzóis que eu não lembro do nome dela agora disse que alguém ia levar.

Olha tem duas linhas aí, ou alguém vai morrer, Deus vai levar para o céu, ou vai alguém se mudar daqui para morar em outro bairro. Essa é a forma que eu estou entendendo, ou seja, foi a minha linha de interpretação, eu nunca nem pensava que seria algo, o certo é que se não me falha a memória com três meses eu fui chamado pelo pastor da área, pelo pastor Jaziel, olha o pastor Coutinho quer falar com você, aí eu fiquei preocupado, o que será que eu fiz, cria logo aquele impacto, aí eu fui, chegando lá ele me perguntou se eu iria a escola bíblica de obreiros na cidade de Chapadinha, e eu disse se eu for convidado eu irei. Então você se prepara para ir à Escola Bíblica de Obreiros, haverá uma prova, nós estamos encaminhando dois obreiros, eles irão fazer essa prova que é o pastor Josué Soares e o Eronildo Veras, se um deles não passar você vai fazer a prova. Aí eu fui e disse tudo bem pastor, só que aí eu fiz uma pergunta para ele: Pastor não seria bom o senhor conversar com a minha esposa? Não, você vai e converse com a sua esposa e veja o que ela vai te dizer: Aí eu fui conversei com ela, do convite que havia sido feito, e ela foi muito enfática em dizer para mim o seguinte: Eu não casei para ser esposa de pastor, mas se for isso que você quer, e se for esse o plano de Deus, eu estou disposta a lhe acompanhar." (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Quando se abordou como a Igreja da Liberdade deu seus primeiros passos, sua origem.....

O que que a gente pode dizer de um trabalho de cunho evangelístico em um bairro, quando ele começa, ou quando já é um bairro antigo e a igreja chega com um trabalho evangelístico, dentro da questão das informações o que eu pude já colher; por que eu não estou deste o princípio aqui, mas os cultos no bairro da Liberdade começaram com uma campanha evangelística que existia, pregando o evangelho nas ruas e cultos familiares. Depois desses trabalhos, eles foram desenvolvendo o trabalho com crianças, onde, na Rua Augusto de Lima, número 64, na casa do irmão Hélio Rodrigues da Hora. Informação esta prestada pela senhora Iraci da Hora Barros, que era sobrinha do irmão Hélio e residia na casa do mesmo. Então, em 15 de agosto de 1981, foi inaugurada a igreja pelo pastor Estevão Ângelo de Souza ;lá na Rua Augusto de Lima, no número 64, igreja construída de taipa em um terreno cedido pelo irmão Hélio da Hora, que depois da construção é que em 1984 o terreno foi devolvido para o irmão Hélio, que segundo a irmã Iraci, nos prestou essa informação" (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Quando perguntado sobre o número de membros.....

“Uhhh não há essa pesquisa, digamos. Eu posso até dizer que a Igreja Assembleia de Deus parece que a gente não se preocupa tanto com essa questão de levantamento do censo de membros e congregados. A gente faz um apanhado, um apanhado. Então a Congregação da Liberdade eu acredito que chega em torno de quase 500 membros e congregados, incluindo crianças.” (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Ao ser questionado no tocante ao perfil dos membros da igreja, gênero, faixa etária e o propósito da divisão em departamentos

A igreja da Liberdade é uma igreja antiga, não tão antiga para uma igreja que vai completar cem anos no próximo ano em 2022, não é tão antiga por que ela completa quarenta anos, agora em dezoito a vinte e um de novembro será nossa festa. Então são quarenta anos que ela está implantada aqui no Bairro da Liberdade. Mas ela é uma igreja mesclada, certo, de jovens, crianças e adolescentes, senhores e senhoras. O número do senhor é bem menor e como na verdade, em todas as igrejas, os homens são em número menor de todas as igrejas, mas qual é o propósito desses departamentos, quando eu me converti já existia o departamento de mocidade, o círculo de oração, escola dominical, quando eu me converti eram bem poucos esses departamentos, a tendência é que a igreja vai crescendo certo e a palavra fala da multiforma de Deus. Ela é uma igreja que visa dar oportunidade para as pessoas que se convertem a Cristo e tem a possibilidade de expandir o reino de Deus, proclamar a palavra do Senhor e nesse propósito e desse modo distribuir as tarefas” (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Ao ser questionado sobre a participação da Igreja na certificação do Território Quilombola Urbano da Liberdade.....

“Na participação não. Se não me falha a memória a mídia divulgou. Então como a mídia divulgou, eu em casa ouvi, certo, mas não sei dar detalhes na sua essência e também não procurei buscar um conhecimento nesse particular” (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Sobre o que representa o conceito de Quilombo em sua perspectiva.....

“Em relação a essa nomenclatura, ela não é muito badalada na comunidade evangélica, se ouve muito fora nos eventos realizados no Bairro como dança de capoeira que tem a questão da cultura de mina que é muito forte na Liberdade” (Pastor Félix, 2021)

Ao ser perguntado sobre os quilombolas que se convertem ao evangelho

Mas aqui, dentro desse aspecto, você falou a partir das pessoas que vêm da Baixada e como nós já falamos aqui, nós temos vários irmãos de Alcântara. Que se converteram lá e vieram embora para cá. Inclusive do interior ou mesmo de Alcântara. E que estão aqui na igreja, envolvidos e trabalhando para Deus, que tiveram uma vida transformada pela Palavra do Senhor (Pastor Félix Lázaro, 2021).

Ao ser questionado sobre a discussão sobre o racismo na igreja....

Na verdade, eu até diria que na Igreja, ou como se trata nesse particular. Acho que seria importante tratar um pouco mais. Eu acho que tem a sua relevância. Porém, quando você vai entrar dentro do assunto para tratar, é necessário que tenha um viés. O porquê de tratar esse assunto? Qual é a finalidade dele? O que é que ele vai contribuir? Ou seja, porque a Igreja na verdade prima pela união, pelo amor, pela paz, certo, pelo respeito (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Quando se perguntou a respeito de cotas para negros e políticas afirmativas....

Olha, particularmente eu acredito o seguinte é que essa questão da facilidade das cotas que existem. Se existe, alguém tem que buscar o direito que tem. Mas você é contra? Eu não posso dizer que eu sou nem contra e nem a favor, porque é o que vale. (Pastor Félix, 2021)

Ao ser perguntado sobre a relevância da cultura presente no Território Quilombola da Liberdade.....

Bom, a cultura, ela está impregnada em todo o cidadão. A cultura não pode ser desassociada com a comunidade, nós cristãos fazemos parte da cultura, nós temos a nossa cultura como cristãos e alguns que saíram de uma outra cultura que nunca vão esquecer, o tradicionalismo ele às vezes está impregnado na pessoa que às vezes para desassociar é preciso digamos assim ter uma vida convertida por meio da palavra de Deus de Cristo, para ser mudada. O evangelho onde ele chega ele transforma vidas mas ele não muda a cultura. (Pastor Félix Lázaro, 2021)

Quando se questionou a respeito do pertencimento às raízes negras e a identidade evangélica....

[...]a Bíblia fala que o Evangelho é o poder de Deus para a transformação de todo aquele que crê. Ou seja, se o Evangelho, ou melhor, se o Evangelho, não, se não, porque o Evangelho ele muda. Então, quando o Evangelho entra na vida de uma pessoa, ele transforma. Então, o que vai acontecer? Algumas, vamos dizer, algumas práticas que a pessoa fazia quando ele vivia dentro da comunidade quilombola, ele vai deixar e isso vai se tornar estranho até mesmo para alguns familiares, que a Bíblia diz que aquele que não deixar pai e mãe por amor de mim não é digno de mim. Mas este deixar não é desprezar, mas é deixar de conviver com algumas coisas que vai ferir o lado do cristianismo (Pastor Félix Lázaro, 2021).

Ao se questionar se o pastor já sofreu algum episódio de racismo.....

“Você está fazendo uma entrevista com um preto, com um negro, aceite ouvir ou não, por exemplo, eu, particularmente, eu nunca fui. Eu nunca me senti discriminado por ser negro, por que eu não introduzo, eu não estou dizendo que isso não pode acontecer, não estou dizendo que não pode, nem estou dizendo que não aconteça, acontece, eu nunca presenciei a olhos vivos, mas eu acompanho através das manchetes de jornais, na mídia, e assim por diante, mas eu acredito que exista, porém, eu não trago a mim, eu não introduzo esse lado do racismo, por que eu tenho convicção da pessoa que eu sou” (Pastor Félix Lázaro, 2021).

Logo no início da entrevista o pastor Félix coloca que a sua vontade como aspirante a pastor foi direcionada pela liderança da Igreja, em um processo hierárquico bastante rígido, desse modo, pode-se pensar que o comando da Convenção no caso a CEADEMA (Convenção das Assembleias de Deus no Maranhão) está para além de percepções pessoais, mas na verdade se importa com as prioridades da AD; que faz este ano cem anos de sua chegada no estado do Maranhão e tem crescido vertiginosamente seja em número como em influência.

A convenção que regulamenta o funcionamento das Assembleias de Deus no Brasil é a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), por sinal existem muitos ministérios que atuam com o nome de Assembleia de Deus sem nenhum vínculo com a direção da CGADB.

SAIBA MAIS

O que é glossolalia?

glossa +lália

Falar em línguas ou falar em línguas estrangeiras. Fenômeno que se deu no dia de pentecostes e que é comum nas igrejas pentecostais. (ALENCAR, 2014)

A Convenção como apresenta Gedeon Freire Alencar (2014, p. 177) consiste em um órgão administrativo dos Ministérios e das Igrejas, mas que na verdade é uma convenção de pastores como sinal que a igreja de congregacional passou a ser episcopal, ou seja, voltada para a figura dos líderes.

Como bem coloca Gedeon Alencar (2014, p. 176) não há uma Assembleia de Deus, mas muitas Assembleias de Deus com diversas características e interfaces, concorrentes até que se enfrentam numa peleja por mais fiéis e notoriedade e assim sendo fazendo do Reino de Deus um processo de chegada também do sentimento humano que se importa com esse tipo de questão, como ter o maior templo, o maior número de membros ou mesmo a maior cruzada evangelística.

A Igreja estudada neste material teve o seu surgimento; segundo relata o pastor da Igreja AD da Liberdade Félix Lázaro, com um trabalho evangelístico o que denota o caráter proselitista da Assembleia de Deus que como igreja pentecostal tem como sua característica o processo de conversão em massa.

Ao ser perguntado sobre o número exato de membros o pastor Félix advertiu que essa questão de censo não é uma preocupação muito prevalente na igreja Assembleia de Deus, mas que ele de modo visual tinha o número de fiéis que eram em torno de quinhentos membros.

O Pastor Félix ao ser interpelado sobre a característica da Igreja, se era mais repleta de pessoas jovens ou idosas, sobre qual o padrão etário e de gênero, afirmou que é uma igreja diversificada, com jovens, idosos, adultos e crianças e como uma das fortes características das igrejas pentecostais mais composta por mulheres. A fala de pastor Félix representa uma realidade entre as Assembleias de Deus no Brasil que é a prevalência de mulheres entre a membresia e segundo Alencar (2014, p. 178) também em postos estratégicos de atuação, uma questão que a história das Assembleias de Deus ainda omite ou subjuga, mas que é pertinente e que figura como procedente.

SAIBA MAIS

O que é uma Convenção?

Convenção consiste numa reunião de ministérios das Igrejas, mas no caso das Assembleias de Deus reúne pastores de forma mais objetiva. (ALENCAR, 2014)

SAIBA MAIS

Como surgiu a Assembleia de Deus?

A Assembleia de Deus é uma igreja pentecostal que foi fundada por dois missionários suecos em 1911 na cidade de Belém e hoje conta com mais de 12 milhões de membros no Brasil sendo a maior Igreja pentecostal da federação. (ALENCAR, 2014)

A questão de a mulher exercer ou não algum ministério, mas principalmente o pastoral, é um problema geral das igrejas cristãs. O catolicismo e muitas igrejas protestantes apresentam esse nó. E é uma questão de natureza teológica fundamental, pois se a salvação é igual, ou segundo a doutrina destas igrejas, o sacrifício vicário de Cristo é o mesmo para homens e mulheres, por que então a diferença? Ou seja, iguais na salvação mas distintos no ministério (ALENCAR, 2014, p. 178)

O próprio pastor Félix foi separado para obra primeiramente por uma profecia proferida por uma mulher durante um culto, e a própria oralidade através das mulheres seja no louvor seja no ministério de oração cultiva um caráter da mulher assembleiana que como afirma Alencar (2014) também é uma liderança de fato na estrutura da AD.

O processo de integrar pessoas no seio da igreja é essencialmente um dos fatores mais relevantes no desenho organizacional da instituição enquanto igreja que se instala em um meio e busca adequar esse meio a sua imagem e semelhança. Mas fica a pergunta sobre como essa igreja interfere na cultura e nos princípios já existentes nesta comunidade, como pode haver preservação de uma identidade negra se toda prática de negritude é rotulada como negativa?

Ao ser perguntado sobre a participação dos jovens da Igreja na comunidade o pastor Félix foi enfático ao dizer que seu objetivo está ligado a atividade de evangelizar e conseqüentemente a busca no caso é por converter as pessoas e fazê-las aderir ao modo de vida pentecostal/assembleiano.

Ou seja, a prioridade da congregação é ganhar fiéis onde existe a concepção :Vem como está, mas logo em seguida se complementa: Não permaneça como está. Nesse aspecto pode-se perceber que o caráter de dominação da igreja mesmo em mais de cento e dez anos de existência aproximadamente no Brasil e cem anos no Maranhão na história das Assembleias de Deus no Maranhão continua prevalente

Ao ser questionado sobre a participação da Igreja no processo de certificação do Território Quilombola da Liberdade o pastor respondeu que teve conhecimento pela mídia, mas não se aprofundou no assunto.

A resposta do pastor nesse tocante revela que a inserção da Igreja nas questões fundamentais do Bairro ainda é muito incipiente. Pode-se notar que a Igreja figura como um microcosmos que não se integra devidamente nas pautas sociais do Bairro em relação a identidade negra dessa comunidade, ainda que haja projetos sociais eles são pensados de forma para trazer as pessoas para dentro do evangelho e não vislumbram as singularidades de uma região que compõe um dos maiores Quilombos Urbanos do Brasil, como bem pontua Carreiro (2020, p. 590) que o crescimento pentecostal se dá em comunidades de expansão urbana e de cenário de industrialização.

No que se refere a Quilombo o pastor nos declarou que considera que não é uma palavra do conhecimento dos evangélicos, mas na realidade que está mais presente no campo da dança como a capoeira e o tambor de mina. Nesse sentido

é possível constatar que o pastor vê a questão da palavra e do seu significado prático como exterior a Igreja e sem muita pertinência.

O pastor Félix afirmou que muitos dos adeptos da Igreja são provenientes de Alcântara, que lá se converteram e ocuparam a região da Liberdade. Desse modo confirma-se a proposição de Assunção (2017, p. 36) que coloca que no período da implantação da Base de Lançamento de Alcântara o fluxo migratório em direção a região da Liberdade foi bastante significativo.

A questão da cultura tão forte em sua origem africana no Território Quilombola da Liberdade seja com o reggae, bumba meu boi e o tambor de mina, no estilo do cabelo das pessoas que compõem a região aqui estudada, ao se questionar sobre isso o pastor Félix deu uma resposta que é bastante genérica no sentido de que todos tem sua cultura, e os cristãos ainda que respeitem as demais tem a sua própria forma de ver e existir no mundo.

Nesse sentido, o pastor propõe que deve haver uma mudança no que chama de “tradicionalismos”, que o sujeito para integrar a igreja ele deve fazer uma escolha e renunciar a sua carga e arcabouço cultural anterior para poder daí ser convertido conforme rege a concepção bíblica e advinda de Deus. O pastor mencionou que na igreja hoje pode-se tocar músicas no ritmo de reggae, ou seja, ele propõe que pode haver uma proximidade entre o universo da cultura negra e a liturgia ou ritual da Assembleia de Deus.

Ao observar a ordem do culto na Igreja da Liberdade percebi uma alegria e uma dinâmica bastante intensa dos trabalhos, de crianças e na EBD que foram os que presenciei, além do clássico desenho das ADs que é púlpito, a banda logo ao lado e a plenária com a membresia.

No momento em que interpelei o pastor sobre ser possível uma articulação de realidades, ou seja, ser negro e preservar a sua cultura e também ser crente, tive uma surpresa, quando ele falou que sim, mas que seriam necessárias mudanças, o que é uma tônica muito presente na retórica dos pentecostalismos; que é a mudança de vida ou mesmo de caráter. Nesse aspecto, o convertido deveria abrir mão em nome da sua fé das práticas que sejam consideradas inadequadas como cristão/pentecostal/assembleiano.

Para o pastor Félix quando o evangelho entra na vida de uma pessoa é impossível que não haja uma transformação nas suas práticas e portanto nos conta que é necessária uma transformação no tocante ao agir do próprio poder de Deus que seria o suficiente para que o indivíduo se integrasse, mas que isso não quer dizer desprezar suas origens, que pode continuar reconhecendo suas raízes como quilombola, mas que não participa mais dos ritos ou mesmo daquela cultura propriamente dita como era antes.

Desse modo, corrobora-se a fala de Gamaliel Carreiro (2020, p. 581) ao afirmar que “o pentecostalismo é parte das causas internas que, em consonância com as externas, estão alterando os padrões culturais dos grupos”. Desse modo o pentecostalismo ao ingressar na realidade quilombola com seu processo de evangelização com objetivo de convencer as pessoas do seu discurso sobre como viver e agir

causa uma alteração nos padrões de comportamento e convivência do quilombo, provocando alterações sobre a sua cultura.

Para Carreiro (2020, p. 583) a presença dos pentecostais tende a ser uma força que apaga as tradições dos grupos quilombolas eliminando suas crenças e mitos e substituindo seus rituais e tradições por uma fé que deve ser digerida em detrimento dos rituais africanos e que remetem-se a toda uma conjuntura de negritude.

SAIBA MAIS

O que significa ethos?

Pode-se entender como ethos a configuração psicocultural de um indivíduo ou de uma sociedade, ou seja, que participa da formação de identidades que compõem determinado grupo social e estão em constante mudança.

(COSTA; PANTOJA, 2013, p. 251)

A Igreja AD da Liberdade se localiza no centro urbano de São Luís e dessa maneira responde as questões de uma região que demanda uma mudança de ethos econômico e social como bem afirma Carreiro (2020, p. 592) ; que está em constante modificação e que tendo em vista seu contexto em mutação recebe influência de forças que interferem sobre as diretrizes e crenças mais fundamentais do Território e de sua herança histórica.

Conforme Carreiro (2020, p. 592) havia dois rivais para a expansão do pentecostalismo no país e mais diretamente nas regiões quilombolas, o catolicismo e os rituais de matriz africana. Foi uma espécie de quebra de monopólio religioso no qual os ritos católicos e as festas populares deram lugar aos cultos e as EBDs (Escola Bíblica Dominical)

O pastor Félix ao ser perguntado se já sofreu ou presenciou algum caso de racismo na Igreja ou em outro lugar em sua trajetória disse enfaticamente que não, porém, um sinal que me surpreendeu foi o fato dele se colocar como um homem preto, reconhecer seu caráter de negritude. Como apresenta Marco Davi de Oliveira (2015, p. 82) quanto mais perto de Deus mais distante da cultura negra deve estar o sujeito?

Somente o fato de um pastor negro se considerar preto/negro e afirmar que nunca sofreu qualquer forma de discriminação ou preconceito denota um sentido em que o apagamento das mazelas e lutas do povo negro é vivido, o que reflete no mito da democracia racial que permeia a realidade do pentecostalismo como coloca Oliveira (2015, p. 88)

Para Oliveira (2015, p. 90) não há uma matriz racial oficial no Brasil e para além da miscigenação do negro, índio e branco, muitas outras etnias também influenciaram no desenho étnico nacional, porém, conforme nossa herança etno-cêntrica colonial a prevalência da branquitude ainda é vigente. (recuada)

Segundo Junqueira; Reis (2020, p. 26) o Brasil não tem mais uma religião oficial desde 1891, no entanto, o monopólio religioso católico vai se manter vivo por muitas décadas depois, nesse aspecto, a marginalização das religiões africanas será ferrenha e como adverte Ferreti (2015, p. 23) sobre as práticas no Maranhão essencialmente negras como o Tambor de Mina e a Pajelança que sofreram uma grande perseguição das forças policiais e serão denotadas como lugar de vagabundagem ou desordem.

Neste caso, nos propõe Bourdieu (2007, p. 26) que a lógica da dominação está presente na sociedade por apresentar uma hipótese de consenso que legitima a forma de existir, ou seja, somente fazendo parte da narrativa dominante é que os sujeitos irão integrar o mundo, no caso do pentecostalismo e a cultura quilombola, somente abrindo mão da última e imergindo sobre a primeira será possível completar o processo de conversão como um todo.

A resposta do pastor demonstra que a sua visão não é concordante totalmente com a política de cotas, pois em um dado momento ele diz que o que vale é o conhecimento, como se propusesse que as cotas podem denotar uma forma de vantagem que na realidade não seria necessário, pois quem tem que entrar é quem tem capacidade para tal. Essa é uma retórica que se remete a questão de meritocracia que tem por proposição o fato de quem consegue é quem merece.

No entanto, isso não funciona na prática dessa maneira, pois agravantes históricos como; a escravidão e o racismo estrutural fizeram com que muitas pessoas negras estivessem fora das possibilidades de inclusão social o que responde a um processo histórico manifesto (ALMEIDA, 2019, p. 36).

Pode-se perceber que a concepção de harmonia na igreja na visão do pastor não deve ser comprometida por questões delicadas e complicadas como o racismo. Ainda que diga que sim, deveria ser mais debatido, logo em seguida surge uma justificativa que coloca a interrogação sobre qual a utilidade deste debate para a igreja, que apesar de relevante antes de mais nada deve haver uma preocupação com a manutenção do amor e da paz entre os irmãos, nesse sentido, desponta uma ausência do debate em prol de se resguardar o que o pastor considera como o bem estar da congregação em si, de suas ideias e da sua forma de ver o mundo que já está sacramentada.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Professor desenvolva um jornal na escola explicando sobre como uma igreja pode ser de Cristo e respeitar as ancestralidades africanas.

Objetivo	Explicar que o cristianismo e a tolerância podem andar juntos.
Metodologia	Montar equipes para criar um jornal que fale sobre a temática.
Avaliação	Participação, Criatividade e Organização

Atividade 5

Título: Racismo Religioso

Conteúdo Abordado: Processo de exclusão da população negra e como a Igreja Evangélica pode reproduzir essa lógica

Duração: 4 semanas

Materiais utilizados: Quadro, Pincel, Atividades impressas e Data Show

Disciplinas a serem trabalhadas: História e Sociologia

Objetivos:

- Conceituar o racismo religioso.
- Desenvolver nos estudantes uma noção histórica e sociológica sobre as violências físicas e simbólicas sofridas pelo povo negro no Brasil e no cenário de uma instituição religiosa.
- Despertar o pensamento crítico nos alunos de modo que questionem as estruturas estabelecidas e que se mostram discriminatórias.

Metodologia: Após a aula expositiva o professor promoverá uma oficina com base na análise de recortes de jornais previamente selecionados com notícias sobre a violência e os indicadores de exclusão e marginalização da população afro-brasileira de forma a levar os alunos a observarem como as estatísticas sociais demonstram a realidade do dilema do colonialismo e do pensamento racista, logo depois o professor adotará o livro Teologia Negra: O sopro antirracista (PACHECO, 2019) do Espírito para observar em conjunto com a turma como a religião pode tanto ocupar um lugar de repetição à regra racista da sociedade como compreender que existem comunidades religiosas que são um espaço de resistência a toda forma de preconceito

10. Irmã Dora e a visão da liderança do Círculo de Oração

Na AD desde os seus primórdios houve conflitos a respeito do lugar da mulher dentro da igreja, seja por cargos ou mesmo notoriedade e espaço dentro dos trabalhos na estrutura organizacional da igreja (ARAUJO, 2012, p. 13)

Para Bandini (2015, p.114) a Assembleia de Deus de ethos sueco nordestino com forte prevalência do mando masculino jamais teve a intenção de reconhecer o ministério feminino. Porém, a realidade do destaque que o movimento pentecostal liderado por mulheres como Frida Vingren apresentou era inegável.

Frida Vingren liderou inclusive a igreja de Belém juntamente com Samuel Nyström que era por sinal um dos maiores opositores ao ministério feminino.

Em 27 de setembro de 1929, Gunnar Vingren registrou que recebeu uma carta de Samuel Nyström totalmente contrário a participação de mulheres no evangelismo ou pastorado na igreja. Segundo Samuel o ministério feminino não teria suporte bíblico (ARAUJO, 2012, p. 10)

Gunnar Vingren foi um ardoroso defensor do trabalho das mulheres na igreja; devido também a necessidade de obreiros no campo.

É necessário ressaltar que a descida do Espírito Santo no Brasil se deu primeiramente sobre uma mulher em Belém, membro da Igreja Batista, a senhora Celina Albuquerque, em dois de junho de 1911 (ARAUJO, 2012, p. 19)

No entanto, a decisão tomada na primeira convenção das Assembleias de Deus em Natal, no ano de 1930, foi a seguinte como pontua Castelhana 2005 apud Bandini, (2015, p. 115)

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também apresentando instrução se assim for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma Igreja ou de ensinadora da mesma, salvo em casos de exceção mencionados em Mt 12.3 8. Assim deve ser, especialmente quando não existem na Igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar.

Como bem pontua Gedeon Alencar (2014, p. 178) não existe registro nas Assembleias de Deus de mulheres pastoras, apenas uma diaconisa em 1925, no Rio de Janeiro.

SAIBA MAIS

Quem foi Celina Albuquerque?

Nascida em Manaus (AM) em 19 de setembro de 1876, casou-se aos 25 anos de idade, aceitou a Cristo na Igreja Batista, era professora de Escola Bíblica Dominical e foi uma das primeiras pessoas a crer no Batismo no espírito Santo pregado pelos suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg (ARAUJO, 2012, p. 19)

SAIBA MAIS

Quem foi Frida Vingren?

Nasceu em 9 de junho de 1891, no Norte da Suécia, se formou em enfermagem e também dedicou-se a arte fotográfica, seus pais eram crentes luteranos. Foi membro da igreja Filadélfia de Estocolmo, batizada por Lewi Pethrus em 24 de janeiro de 1917, pouco tempo depois foi batizada com o Espírito Santo (ARAUJO, 2012, p. 37)

Após a convenção de 1930, em Natal, Frida Vingren que ainda era redatora do Jornal O Mensageiro da Paz, escreveu um artigo cujo o título era “Deus mobilizando suas tropas” colocando homens e mulheres assembleianos em pé de igualdade e demonstrando a vitalidade do ministério feminino da igreja já naqueles tempos de início dos anos trinta (BANDINI, 2015, p. 116)

A exclusão das mulheres é uma realidade latente nas Assembleias de Deus no Brasil (BANDINI, 2015, p. 117) e o fato de Frida Vingren ter sido a única mulher a escrever para as Revistas da Escola Bíblica Dominical refletem como as mulheres foram historicamente silenciadas na conjuntura das ADs.

FALA DO ENTREVISTADO:



Sobre a igreja e comunidade local.....

“A igreja eu vejo, na minha opinião, ela tem se empenhado. O papel dela aqui é evangelizar, tendo em vista a necessidade da comunidade que é carente, a igreja procura ajudar essa comunidade tanto na área espiritual como emocional, a questão do social, certo, tanto é que, por exemplo, cada líder se preocupa com o seu vizinho, a gente, eu e você temos mais possibilidade de ver a necessidade do nosso vizinho que os outros irmãos.” (Irmã Dora, 2021)

Quando se perguntou a respeito da identidade cultural local do Território Quilombola Urbano da Liberdade....

“É uma barreira que a Igreja enfrenta, porque eles são muito envolvidos nisso. E eles têm aquela convicção de que é isso o que eles querem. Eles trabalham em cima disso para ver, quem sabe para desenvolver, para que aquela cultura deles não morra. Para isso, tem se esforçado”. Segundo eu tive informação aqui é uma região quilombola (Irmã Dora, 2021).

Sobre poder ser evangélico e preservar a identidade quilombola.....

“A gente tem que fazer a análise, o que eles pregam, o que eles desenvolvem, e de acordo com a palavra de Deus eu tenho que ter discernimento, que eu possa dentro da realidade deles que eles propagam, que eles passam, do que eles transmitem, aí eu vou ter que ter discernimento dentro da palavra de Deus para ver se aquilo eu posso me envolver, mas também não podemos nos afastar dessas pessoas, por que quem conhece a verdade somos nós, se a gente se afastar deles, como eles vão...” (Irmã Dora, 2021)

A respeito de casos de racismo na região da Liberdade.....

“Às vezes pelo desprezo. ,por exemplo,, chega a alguém assim em um comércio para comprar uma coisa. Se é uma pessoa de cor de pele branca e parece que é assim, a atenção, o tratamento é diferente” (Irmã Dora, 2021)

Sobre a visão da Bíblia sobre o racismo.....

“Talvez na Bíblia é claro que tem pessoas que têm que ter, mas eu diria que Jesus veio e quebrou todos esses tabus e nos deu um novo nós com a graça, né? Eu acho sim que a Bíblia não deve ser racista, mas como a Bíblia diz de suporta-vos uns aos outros em amor. Então esse suportar às vezes se relaciona também a cor de pele, posição social, tudo isso acho que todo suportaremos a suportarem uns aos outros. Eu não lembro cada uma dessas suportais uns aos outros em amor esse suportar envolve esse todo, inclusive a raça, cor da pele” (Irmã Dora, 2021).

Sobre as políticas públicas voltadas para a comunidade da Liberdade.....

“A política do governo em parte ela boa, pois é uma comunidade carente. Se eles souberem empregar, realmente não desviar a finalidade desse projeto, dessa ajuda que eles recebem, é louvável, mas é sinal que eu não sei de quem forma eles vão usar. É louvável na minha opinião, mas nesse sentido que eu estou lhe falando se eles realmente aplicarem naquilo que foi o objetivo, se eles não desviarem do objetivo, não as políticas” (Irmã Dora, 2021).

A respeito das religiões de matriz africana na realidade do Território da Liberdade....

“Olha é o seguinte, como eu lhe falei, eles são muito apegados a essas raízes, ele vão buscar, ele estudam, os líderes dessa comunidade levam os seus adeptos, a estudarem, a aprenderem, a descobrirem os valores das raízes, por que eles não querem que se perca, então o líder ele sabe que um dia ele não vai estar na frente, então é muito forte essa questão deles levarem os mais novos a se formarem, a aprenderem a descobrirem suas raízes, é muito forte nesse sentido. Quando sai um líder já tem alguém formado, instruído nessa cultura para continuar, para não morrer” (Irmã Dora, 2021)

Ao se questionar sobre qual a compreensão sobre a questão do que é um quilombo.....

“Olha eu nunca assim estudei, eu vejo assim quilombo, sei lá, são descendentes africanos, que se isolaram, que eu sabia assim que tinha aquela separação, como eles não se misturavam com os brancos, tinha aquele lugar só pra eles e deu-se o nome de quilombo” (Irmã Dora, 2021)

Sobre ser oriunda de Alcântara e o seu contato com comunidades quilombolas de lá.....

“Eu tive, tem uma comunidade lá, por exemplo, que se chama Cajueiro, lá realmente, agora que tem alguma miscigenação, mas antigamente eram só eles” (Irmã Dora, 2021).

Quando se perguntou sobre haver a discussão sobre racismo dentro da igreja.....

“Sim, estudos bíblicos sobre evangelismo e missão. Sempre sobre evangelismo eles focam esse assunto porque a gente vai encontrar essas barreiras. Antes, por exemplo, vai ter um grande evangelismo, então o pastor se preocupa em nos ensinar como enfrentar por que a gente vai encontrar barreiras quando a gente for evangelizar. Você tem que saber como abordar as pessoas, falar nesse assunto, porque se não tiver conhecimento, não assim tão profundo, mas alguma coisa.” (Irmã Dora, 2021)

Ao se questionar sobre a história das lideranças femininas da igreja...

“A Nazaré foi uma líder do círculo de oração, já partiu, a Naíza, muitas mulheres que graças a Deus eu tive a oportunidade de conhecer, que realmente eram empenhadas, que incentivavam as mais novas, aconselhavam e isso foi muito bom para as mais novas que iam chegando” (Irmã Dora, 2021)

A Irmã Dora ao ser perguntada sobre casos de discriminação racial que teriam acontecido no Bairro ou mesmo na igreja, nos contou que não, nunca presenciou, mas já ouviu relatos de pessoas que passaram por essa experiência. Ela conta que já ouviu falar de pessoas que vão em um estabelecimento comercial e notam que em virtude da sua cor de pele percebem uma diferenciação do tipo de tratamento.

Nesse sentido, se percebe que o discurso de uma mulher negra como Irmã Dora; líder do círculo de oração dentro da lógica assembleiana, aponta que o racismo e a discriminação estão presentes na vivência da região aqui analisada como afirma Amaral et. Al (2019, p. 3), que o racismo estrutural expande diferenças socioeconômicas e agrava a separação entre as pessoas.

Quando se questionou a Irmã Dora sobre as políticas públicas que o fato do Bairro da Liberdade integrar um território de quilombo urbano trouxe para a população negra percebeu-se que sua visão apresenta dada desconfiança, isso fica latente em sua fala, pois segundo ela o objetivo pode ser desviado e é essa natureza de pensamento que corrobora que a população negra é marginal, ou mesmo como atesta Franz Fanon "(2008, p. 15) que os negros são construídos como negros.

Por que justo o povo negro é estigmatizado como aquele que vai fazer mau uso de uma política pública? Sendo que a militância de inúmeras frentes no Bairro reivindicara a chancela de Quilombo Urbano, justamente para que essa designação proporcionasse direitos e acesso a políticas de inclusão.

A designação do Território de Quilombo Urbano da Liberdade é sobretudo uma nomenclatura política, e dentro dessa comunidade existe todo um ativismo e organização social que se dedicam a encontrar saídas para os entraves socioeconômicos enfrentados pela população negra desta região (ASSUNÇÃO, 2017, p. 113)

Quando aqui citamos o termo política, nos referimos às relações sociais presentes nas dinâmicas que envolvem os agentes sociais. Barnes (1987) afirma que quando analisamos política nacional, meditamos sobre o funcionamento das instituições sociais, como parlamentos, partidos, eleições e diplomacia, que são seguramente, políticas. Esse antropólogo fala que existem similaridades nos processos "encontrados no nível político nacional — como os de aliança, desafio e compromisso, testes de força e distribuição de recompensas — operam dentro da região, do distrito e da aldeia bem como dentro de clãs, companhias, igrejas e outros grupos não territoriais; mesmo dentro da família" (BARNES, 1987, p. 159 apud Assunção, 2017, p. 113)

Nesse aspecto, conforme a teórica adotada as igrejas também são um espaço de realizar mobilizações, e na AD da Liberdade existe o SEMMAS, que consiste na Secretaria de Missões, que se volta para a doação de cestas básicas, construção e reforma de casas. Porém, o trabalho se ocupa de um objetivo que denota um sentido de evangelização de cunho proselitista, de pregação do evangelho, por que o objetivo final é ganhar membros para a igreja através desses trabalhos sociais.

Apesar que segundo Gustavo Alencar (2019, p. 176), hoje existir uma presença muito mais numerosa e proeminente de evangélicos na esfera pública parafraseando um termo aplicado por Emerson Giumbelli de “cultura pública”. Porém, esse não foi em si o exemplo que se viu na comunidade da AD da Liberdade; que na realidade, se omitiu diante do processo de legitimação da Liberdade como Quilombo Urbano e que vê com reticências os direitos adquiridos com tal chancela.

Segundo Alencar (2019, p. 176) os evangélicos apresentam uma ética contra cultural de afastamento da sociedade e em outro aspecto uma ética de domínio onde cada setor da sociedade é considerado um ponto de pregação, de evangelização, ou seja, de expandir a instituição da Igreja. Essa retórica compõe o imaginário de um mundo que ainda é bastante colonial e nesse aspecto receptor de uma influência etnocêntrica que ignora qualquer origem que não seja a branca europeia.

Como nos diz Boaventura de Sousa Santos (2014, p. 77) “as trocas desiguais vão muito além do colonialismo e das suas sequelas, embora o colonialismo continue a desempenhar um papel muito mais importante do que se pensa num mundo supostamente pós colonial”

SAIBA MAIS

O que é um Quilombo?

Quilombo é um grupo étnico que pode se localizar em áreas rurais e urbanas, predominantemente formadas por uma população negra ou como aponta Arruti (2008, p. 2) “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”

Nesse interim, um mundo colonizado não é uma questão do passado, mas na realidade continua a suscitar as sequelas de um longo processo no Brasil e no mundo de domínio europeu.

A Irmã Dora ao ser perguntada sobre às festas populares assertivamente disse: “Sim, eles são formados para acreditar nessas raízes, eles estudam, eles aprendem quais são essas raízes” (Irmã Dora, 2021). Na concepção de Irmã Dora os adeptos das religiões africanas são ensinados a se engajar como lideranças no meio que frequentam, de modo que eles descubrem o valor das suas origens e passam a exercer uma fé naquelas práticas.

Segundo Carreiro (2020, p. 581) a presença do pentecostalismo ela causa um desarraigamento do que seriam origens de matrizes religiosas mais africanas, ou mesmo dão um panorama para a região muito mais sincrético na perspectiva da vinculação e das rupturas e continuidades com determinada tendência religiosa.

Para o sociólogo Gamaliel Carreiro (2020, p. 582): “A conversão ao pentecostalismo de parte dos grupos tradicionais constitui uma transformação profun-

da, que tem repercussões substanciais nas dimensões culturais e ético econômicas dos grupos”.

Uma questão que o teórico supracitado levanta tendo realizado sua pesquisa com comunidades quilombolas de Alcântara; o porquê dessa atração pelo pentecostalismo tendo em vista que essas comunidades possuíam mais de duzentos anos de filiação ao catolicismo popular.

Um questionamento que pode ser feito nesta pesquisa é sobre como numa comunidade repleta de remanescentes de quilombos rurais e que hoje estão integrando um Quilombo Urbano, o pentecostalismo pode ter tanta força e ser tão popular?

Obviamente as falas e narrativas dos membros e líderes de ministérios são deveras esclarecedoras nesse tocante, claro que não esgotam o assunto, mas na realidade dão um norte inicial para se compreender este contexto.

Quando da fala de Irmã Dora sobre os grupos mobilizados na Liberdade pode nos dizer Assunção (2017, p. 114) que o Movimento Quilombo Urbano apesar de não ser de cunho religioso, tem todo um arcabouço nos seus mais de trinta anos de militância com pautas étnicas e identitárias.

De acordo com Assunção (2017, p.115) existe uma estereotipação no bojo dos Bairros que compõem o Quilombo Urbano da Liberdade: Camboa, Fé em Deus e Liberdade; sendo os mais conhecidos, pois, apesar de haver uma forte conotação de criminalidade e violência, as pessoas que residem lá consideram um lugar tranquilo e seguro.

Conforme Almeida (2006, p. 31) a vida no Quilombo incorpora uma etnicidade e vivência social:

As narrativas, em decorrência, facultam a compreensão antropológica das relações com a natureza, do sistema de sucessão legítima e dos elementos identitários e de representação da vida social, incluindo-se as categorias de autodefinição coletivas, que foram historicamente construídas, tais como pretos e caboclos, os atributos respectivos que tanto as diferenciam quanto as aproximam, e as territorialidades que lhes são referidas.

Desse modo, quando irmã Dora diz que aqueles que fazem parte de grupos religiosos africanos se preparam para uma liderança ou mesmo um aperfeiçoamento dentro da comunidade, fica evidente que essa vida social que cita Almeida (2006) permanece viva no Quilombo mesmo com o passar do tempo e da característica não ser de um Quilombo rural, mas um Urbano na realidade. Nesse sentido, os estudos etnográficos como o aqui realizado são de muita valia para compreender o desenvolvimento dos sentidos e dos aspectos dessas comunidades como no caso da Liberdade.

Portanto, as entrevistas com estes personagens centrais da história da igreja constroem uma espécie de etnografia do Território Quilombola Urbano da Liberdade no sentido da presença pentecostal, não como um juízo de valor, mas debatendo

quais os posicionamentos de uma Igreja que desenvolve um processo de evangelização dentro da região com uma identidade tão marcada pelo Quilombo Urbano, pelas festas populares e religiões de matriz africana, são possível coexistir de forma pacífica e respeitosa?

Optou-se por adotar a nomenclatura para analisar o Quilombo Urbano da Liberdade como coloca Carreiro (2020, p. 586) ao citar Alfredo Wagner de Almeida, como território étnico o que é uma grande discussão sobre o uso dessa expressão, mas que aqui adoto com a finalidade de compreender que é um espaço de expressão e prevalência de identidades e etnicidade por excelência.

Ou seja, ao incorporar o conceito de território étnico aqui evoco a questão de uma ancestralidade como marco identitário que na Liberdade pode ser sentido pelo reggae, pelo bumba meu boi e pelo tambor de mina e crioula.

Para Carreiro (2020, p. 588) a região de Alcântara sofreu um grande êxodo rural depois da instalação da Base de Lançamento de Alcântara, um forte processo de alienação das novas gerações em relação as suas tradições, seus locais sagrados e da própria terra.

A Irmã Dora ao ser questionada sobre se há a presença na Escola Bíblica Dominical ou mesmo nos sermões durante o culto a respeito das questões como o racismo, ela disse que o debate na igreja existe principalmente no preparo para os evangelismos, e coloca que é necessário aperfeiçoar os membros nesse sentido, sobre como abordar o assunto já que é bastante desafiador.

Dessa forma, o racismo já adentrou a igreja também como temática dos estudos, por que na verdade o racismo está em toda parte e também precisa ser uma prioridade da Igreja debater e levar esses assuntos aos fiéis, não achando que por se tocar no assunto vai incitar a sua ocorrência, pelo contrário, o diálogo aberto que possibilitará o combate a esse tipo de ação tão lastimável para a sociedade como um todo e assim também para a Igreja Assembleia de Deus na Liberdade que não está isenta deste fato em seu interior.

Ao ser perguntada sobre se acha importante que a igreja discuta sobre discriminação racial e racismo, a Irmã Dora afirmou que: " Com certeza, é papel também da igreja; esclarecer, se envolver, não ficar afastada, mas se envolver".

Sua fala representa uma nova geração de evangélicos que veem a importância da Igreja atuar também não só como portadora do evangelho, mas nas questões sociais e políticas, pois, uma igreja que está no meio de um dos maiores Quilombos Urbanos da América Latina deve ter uma posição declarada sobre a questão do negro e das suas lutas por reconhecimento.

Como um quantitativo representativo de membros que em 2010 os evangélicos já somavam cerca de 22% da população brasileira, sendo 65% de origem pentecostal (CARREIRO, 2020, p. 589) trazer para o centro da instituição a discussão sobre o racismo e a desigualdade racial é mais que importante, é necessário, pois a própria autoestima

e saúde mental de muitos negros é duramente afetada (Oliveira, 2015, p. 82). Portanto, o negro precisa se ver como alguém que merece respeito e tem valor, como afirma Marco Davi Oliveira (2015, p. 82)

Para James H. Cone (2020, p. 98) “pode-se convencer que Jesus é o salvador, Deus das pessoas brancas, não tendo qualquer relação com a autodeterminação das pessoas negras”. Nesse sentido, é relevante observar que a narrativa de Irmã Dora, cheia de boas intenções, também resguarda um aspecto de preservar a cultura da Igreja de tal modo que a da comunidade do Bairro da Liberdade deve dar lugar ao Deus dos pentecostais.

Um sinal que a Igreja Assembleia de Deus da Liberdade é uma igreja híbrida está no fato de não se relacionar a fala de Deus e a libertação do povo negro nos depoimentos aqui colhidos, o que atesta que consiste numa igreja ainda de matriz colonial e com base de ação proselitista.

Pode -se dizer que não foi a igreja pentecostal que optou pelos negros, mas os negros que optaram pela igreja pentecostal e dessa maneira compreender que o aspecto da religiosidade pulsante entre os negros favoreceu sua entrada no movimento pentecostal (OLIVEIRA, 2015, p. 48)

Historicamente os negros mantem uma relação com o sagrado muito mais estreita que as demais etnias no Brasil, com uma fé que torna-se real por se identificar com os sentidos da natureza de forma muito mais próxima e dessa forma percebe Deus em todas as instâncias da vida e do cotidiano.

Um outro aspecto do negro é a legitimidade de ser uma raça que sofreu com a escravidão, assim como a exclusão social, o que na concepção do povo negro o torna muito mais próximo de Deus, se relacionando com tudo na vida como se fosse uma expressão de Deus (OLIVEIRA, 2015, p. 48-49).

Na concepção defendida por James Cone (2018, p.98) a existência da comunidade negra é inseparável da libertação por meio de Jesus Cristo. Portanto, ao retomar a fala de Irmã Dora quando diz que se estuda e se prepara muito nos meios de matriz africana; fica latente que é necessário que o povo negro se defenda de uma sociedade que ainda segrega e faz bastante divisão entre brancos e negros na prática, uma coisa muito interessante que James Cone chama de “Jesus branco que tenta convencer que não há diferença entre a democracia nos Estados Unidos e a liberdade cristã, que a violência não é a maneira de responder à falta de humanidade” (CONE, 2018, p. 98-99). No Brasil, pode-se colocar que não há diferença entre um aluno branco de escola particular que faz o ENEM e um aluno de uma periferia negro de escola pública que presta a mesma prova. Sabe-se que a diferença é brutal.

O movimento pentecostal trouxe uma interpretação sobre o evangelho de forma que o batismo com o espírito Santo constituiu uma doutrina a ser seguida, isto o diferenciando dos históricos que detinham um zelo pela ortodoxia da palavra, mas não priorizavam os dons espirituais. Nesse aspecto, os ensinamentos dos pentecostais cada vez mais foram se aproximando dos pobres, dando sentido à vida cotidiana (OLIVEIRA, 2015, p. 44-45)

No entanto, apesar do pentecostalismo ser uma religião em tese mais próxima dos pobres, os casos de discriminação racial não deixaram de acontecer como nos afirma Zózimo Trabuco (2018, p. 3):

Nada disso impediu a vivência do racismo nas igrejas. Tal como o protestantismo histórico, o pentecostalismo também reforçava o estigma da cor negra e de tudo o que pudesse ser associado às culturas africanas. Demonizava-se o Candomblé e a Umbanda, embora assimilando, muitas vezes, alguns aspectos da cosmologia e dos bens simbólicos dessas religiões.

O neopentecostalismo, por exemplo, traz para o centro das suas pregações pontos como da maldição hereditária e da batalha espiritual que tipificam discursos que legitimavam a segregação e a escravidão no Brasil (TRABUCO, 2018, p. 3-4)

Os próprios pentecostais também sofrem preconceito pelo fato de serem pentecostais, no sentido que seriam igrejas mais recentes que não se dedicam tanto ao estudo da palavra dentre outros contextos como nos mostra TRABUCO (2018, p.5):

Assim sendo, uma característica não hereditária, mas que fica clara quanto aos

A espiritualidade pentecostal, herdeira de modos de crer e praticar a fé das culturas negras e periféricas da diáspora, também sofre um olhar discriminatório, que a coloca na esfera do “exótico”, do “primitivo” e do “grotesco”, formas históricas de deslegitimação das religiosidades negras e periféricas, compartilhadas em estudos acadêmicos e na opinião pública. Muito do que é condenado nas práticas litúrgicas pentecostais sempre esteve presente na religiosidade popular, mas o sentido positivo do termo “popular” muitas vezes é negado ao pentecostalismo. Em seu lugar, outro adjetivo menos nobre lhe é atribuído: religiosidade de massa.

pentecostais negros que vieram de comunidades que zelavam pelos rituais africanos, por uma própria africanidade, é a devoção em relação a um Deus que é verdadeiro e que está presente em seu meio (OLIVEIRA, 2015, p. 48)

‘A história de exclusão do povo negro é bastante evidenciada, uma real marca maldita impingida por uma sociedade de raiz cristã, mas que não conseguiu aplicar os princípios de amor ao próximo e o respeito a todos os sujeitos diante de Deus (OLIVEIRA, 2015, p. 49):

A relação de proximidades que as denominações pentecostais e as comunidades negras evangélicas que vivem no Brasil denotam uma espécie de inclusão após todos os séculos de escravidão e racismo estrutural que roubou a identidade daqueles negros que foram obrigados a esquecer suas origens e suas místicas em prol de um

Os negros permanecem sem rumo, sofrendo o preconceito, o racismo, a discriminação e a exclusão. E foi exatamente nesse contexto de exclusão que a comunidade negra cristã fez opção pelo pentecostalismo: a igreja pentecostal chegou mais perto daqueles que eram marcados pelo estigma do desprezo social.

povo que se dizia cristão, mas que em nada cumpriam os ensinamentos da Bíblia tendo em vista as injustiças e sofrimento que causavam (OLIVEIRA, 2015, p.59-60)

Há, pois, no negro um desejo pela liberdade; de ir e vir. Eles não estão mais nas senzalas ou levando chibatadas, mas continuam a encarar os olhares preconceituosos, como se não pertencessem àquele lugar, sendo expurgados por uma comunidade branca que continua a reproduzir o racismo.

Os negros anseiam pelo direito de vir a ser o que bem quiser, sobretudo, o direito de não se sentir envergonhado pelo que se é, mas poder exercer sua negritude de forma plena, livre de discriminações ou mesmo de censuras por sua forma de ver e existir no mundo. (OLIVEIRA, 2015, p. 61)

Todas as igrejas de São Luís são ligadas ao templo central, o que denota uma dada centralização do ministério como bem fala Alencar (2014, p. 177) nos moldes da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) e a CEADEMA (Convenção Estadual das Assembleias de Deus no Maranhão) funciona de forma a canalizar todos os esforços das igrejas de modo a fortalecer o núcleo gerador de recursos e influência das ADs, e no Maranhão não é diferente.

“Primeira característica que não será motivo de surpresa: o tempo da história é precisamente, o das coletividades, sociedades, Estados e civilizações. Trata-se de um tempo que serve de referência comum aos membros de um grupo” (Prost, 2008, p. 96)

Nessa perspectiva, corroborou-se as narrativas dos líderes dos ministérios, em questão aqui de Irmã Dora, para legitimar o tempo social, que de nenhuma forma é contado a partir de um relógio ou cronômetro ou por uma unidade de medida, mas na realidade está envolto na questão dos documentos, das fontes que são o eixo norteador da análise historiográfica (Prost, 2008, p. 96)

O trabalho das mulheres na Igreja Assembleia de Deus ao longo das décadas tem ficado tão evidente que é difícil apaga-lo, pois o papel seja de líder do círculo de oração, missionária, professora de EBD tem uma trajetória de invisibilização e obliteração bastante ferrenho (BANDINI, 2015, p. 118), no entanto, é notório que o protagonismo dessas mulheres é uma questão indiscutível, pois elas pregam, cantam, fazem teatro, organizam eventos e sua participação de nenhuma forma pode ser diminuída como se tenta desde de Frida Vingren. A própria convenção das Assembleias de Deus denota esse aspecto de inferiorização das missionárias, que não tem o direito de tomar decisões ou mesmo participar das plenárias com poder decisório.

A divisão sexual do trabalho tendo o patriarcado como demarcador, acusa que as mulheres que tem jornada por vezes tripla, cuidam de casa, estudam e atuam na igreja, de fato apresenta-se como uma grande desvantagem para as inúmeras demandas de uma igreja que além de necessitar constantemente de assistência, tem reuniões e cursos de formação com muita frequência e dessa maneira as mulheres que já tem um cotidiano muito preenchido pelos afazeres domésticos e familiares tem um comprometimento para acompanhar a rotina eclesial.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Professor, sugerimos que você promova uma peça de teatro demonstrando como foi a história de Frida Vingren.

Objetivo	Contextualizar as origens do feminino na Assembleia de Deus.
Metodologia	Escrever e encenar uma peça com os alunos.
Avaliação	Participação, Organização, Criatividade.

Atividade 6

Título: A Mulher negra na Religião.

Conteúdo abordado: Fazer um percurso histórico pelo lugar do feminino ao longo do tempo na realidade religiosa, da antiguidade a contemporaneidade

Duração: 4 semanas

Materiais: Quadro, Pincel, Atividades Impressas, Internet, Computador e Data Show.

Disciplinas: História e Sociologia

Objetivos:

- Construir pequenos fascículos digitais, pequenas pastas, com imagens de mulheres que marcaram a história das religiões.
- Demonstrar que o preconceito de gênero e o preconceito racial estão presentes em múltiplas realidades.
- Observar o protagonismo de mulheres negras em instituições religiosas mesmo com o tratamento de codjuvância que recebem.

Metodologia: O professor irá traçar uma linha do tempo do gênero feminino e sua relação com o fenômeno religioso, por exemplo, Frida Vingren irá ser associada com a fé pentecostal e sua liderança. Depois o docente explicará podendo utilizar Alencar (2014) sobre o cerceamento de gênero que acomete as mulheres numa lógica de dominação masculina e vivência do machismo no contexto protestante. Após esse momento expositivo os alunos irão pesquisar artigos na internet e também em livros, casos de mulheres que marcaram a história da religião. Os alunos irão criar acervos digitais com as imagens dessas mulheres e os artigos que problematizem a questão de gênero e a questão racial, sugere-se também que os alunos visitem o site do IBGE para refletirem sobre os indicadores socioeconômicos e de violência das mulheres no país e no estado do Maranhão.

10. Irma Luana e as reflexões das novas gerações de assembleianos

Dos entrevistados, a Irmã Luana foi a mais jovem a dar o seu depoimento, ela que se converteu na adolescência por conta própria, uma mulher negra que coordena o departamento de jovens e demonstrou como a liderança da AD da Liberdade pensa e atua.

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-os a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.



FALA DO ENTREVISTADO:

Ao se perguntar sobre a estrutura departamental da igreja....

O objetivo dos departamentos é o seguinte: porque nós temos um pastor e o pastor ele responde por toda a igreja, né? Independente de crianças, de faixa etária independente, ele responde por toda a igreja porque ele é o pastor da igreja. Então, ele como ele é o pastor e também um ser humano. Ele é assim, uma pessoa, um homem. Ele tem a família dele. Então, a igreja optou por dividir em departamentos. Então tem um departamento de círculo de oração que tem a dirigente, do Departamento de jovens, que tem um coordenador. Então aquele coordenador está mais próximo. Então os departamentos são para ajudar o pastor a coordenar essa imensidão de irmãos (Irmã Luana, 2021).

No que se refere a inserção da igreja dentro da comunidade no tocante aos jovens....

E a igreja ela entra com um papel também os departamentos muito importantes, que às vezes tem pessoas muito aflitas, que não conhecem a igreja que estão precisando de uma oração, às vezes elas chegam aqui sexta feira a tarde está tendo círculo de ora-

ção, elas sentam lá atrás, elas ouvem a palavra, elas se emocionam, elas pedem a oração, pede uma ajuda. Uma pessoa que não é da nossa Igreja. Então isso é muito importante para a comunidade. Tem pessoas que dizem hoje não sou evangélica, ainda não pretendo ser, mas você pode fazer um culto aqui na porta da minha casa. Você pode fazer uma oração pela minha família. Então, isso é um papel da igreja, muito importante. Quando a igreja pega mais de sessenta e oito jovens como aqui nós temos mais de sessenta e oito jovens e adolescentes, entre jovens e adolescentes, e a igreja ensina a palavra de Deus como hoje, nós falamos sobre bullying na aula e você fala pra eles, pra eles não praticarem bullying, que nós vamos ter humildade, não fazer essas coisas. E também como eles agem diante de um caso de bullying, quando a gente dá esse amparo todo pra eles, todo esse suporte educacional cristão, então eles vão lá fora eles vão fazer a diferença que eles não vão seguir por esse viés. Então a Igreja, o papel da igreja nesse sentido é muito importante por que ajuda a sociedade (Irmã Luana, 2021)

Sobre a questão racial e os jovens da igreja...

Essa questão é relativa. Em relação a racial, ela não é muito frequente. Por quê? Porque, como você falou, é um bairro que é quilombola, a Liberdade. Então, diante disso, as pessoas, a maioria dos jovens adolescentes, nasceram aqui e foram criados aqui. Então a gente tem algum familiar que é negro, um avô, uma avó, alguém. E então mesmo a igreja composta por muitas pessoas de diferentes cores, então eles têm certo domínio. A gente não tem conhecimento em relação a questões raciais, o que a gente vê em relação aos jovens, os questionamentos deles em questão de LGBT, que eles têm algumas dúvidas em relação a isso, mas questão racial pra mim como coordenadora aparece bem pouco e que eles são muito bem resolvidos (Irmã Luana, 2021).

Qual o tipo de trabalho social que a igreja realiza no Território Quilombola da Liberdade.....

A igreja ela tem esses projetos, da questão das cestas básicas, ela atende muito dessa questão social, então eu vejo eles recebendo de uma forma muito positiva que eles recebem as pessoas, nós fazemos evangelismo pessoal, de casa em casa, como a gente tem o projeto Jesus um plano perfeito, a gente adentra a casa das pessoas, então é muito raro a gente encontrar uma casa que não queira abrir a porta entendeu, que não queira abrir a porta para nos receber. Então, isso aqui é visto de uma forma muito importante. Quando nós vamos fazer essa evangelização, nós entramos em ruelas que a gente observa ter uma clara predominância de tráfico de drogas e consumo muito grande. Temos pessoas no canto assim que a gente olha para eles que eles estão ali ou consumindo ou então traficando, e a gente vê eles parando o que eles estão fazendo para nos ouvir e ficam ouvindo com o maior respeito. Isso é algo positivo para nós (Irmã Luana, 2021)

Sobre a cultura do Bairro e a sua influência.....

Olha a cultura local eu vejo que é muito forte. Essa questão do bumba meu boi, tem o boi de seu Leonardo, que já faleceu, que é famoso, e aí tem um ponto aqui onde ele fica que a concentração. E aí eu vejo um ponto assim muito forte. Mas o mesmo que eu vejo de todos é a questão do reggae. Aqui o reggae no nosso bairro é muito forte. E aí tem muitas festas de reggae, muitas pessoas dançando na rua, de uma forma mesmo antiga, não perdeu, eu vejo que eles não perderam, aqueles que permaneceram o que foram ensinados, o que cresceram vendo (Irmã Luana, 2021)

Quando se questionou sobre as manifestações populares do Bairro....

Eu acho que a gente crer no que a gente cresceu, no que a gente foi ensinada desde criança. A partir do momento que eu recebi um ensinamento e eu quero levar por toda minha vida também, eles também querem levar isso. Então eu vejo. Eu acho bom, bonito é bonito as pessoas que tinham assim a questão do reggae do afro. Eu acho bonito os que preservam e fazem aquilo de uma forma correta, que não fazem um apelo sensual para a exploração do corpo da mulher, para uma sensualidade exagerada. Dançam reggae porque, sabe, cresceram naquilo de uma forma sim, natural sim, sem exageros, eu acho (Irmã Luana, 2021)

A respeito da possibilidade de ser quilombola e evangélico.....

Acho que é possível. Porque eu conheço uma evangelista, a missionária que era quilombola, sim, no interior do Maranhão, e que ela ouviu falar de Jesus. Ela era criança ou adolescente, ela ouviu falar de Jesus nessa época. Sendo babá de uma criança aqui em São Luís, foi a primeira vez que ela ouviu falar de Jesus. Ela era desse Quilombo, muito longe, de muito difícil acesso. Ela ouvia falar de Jesus através dos livros, das histórias, dessa casa. Então quando ela veio para cá ela aprendeu falar de Jesus, ela quis saber mais de Jesus. E aceitou Jesus como seu único e suficiente salvador. Ela procurou se aprofundar mais em Deus para levar Jesus para o seu Quilombo. E aí ela evangelizou seu Quilombo todo. Muitas pessoas aceitaram a Jesus e vivem na sua cultura mas servindo ao Senhor, então eu vejo que é possível.

Sobre já ter vivenciado algum episódio de racismo ou discriminação racial...

Já, na comunidade e na igreja. A gente já cresce naquela coisa na minha época de infância, como estavam falando dos meus alunos hoje, na minha época de infância, falava muito de pretinha do Codó. Eles falavam isso. Por que Codó é um lugar onde tem muitos negros. Então a gente escuta muito isso. Para aderir ao meu cabelo natural, como eu aderi tem pessoas que não gostam e você sente no relato da pessoa, você não vê que é porque o cabelo é feio é porque simplesmente não é alisado (Irmã Luana, 2021)

A respeito da visão da Bíblia sobre racismo e desigualdade....

Porque a Bíblia diz que nós somos a imagem e semelhança de Deus, imagem e semelhança de Deus. E aí também a Bíblia fala que somos todos, somos iguais, somos iguais perante Deus. Somos todos iguais. Não existe preto, não existe branco essas coisas. Então, para a Bíblia, porque muitas pecam até dentro da Igreja, se chamando de cristão, envergonhando de certa forma o evangelho. Por esse motivo, de você não ter o conhecimento. Tem uma questão errada com a Igreja, principalmente. Eu não vou falar na Igreja Batista porque eu não sou da Igreja Batista. Eu falo da Assembleia de Deus, eu acho assim. Machista. Às vezes eu vejo um púlpito repleto de homens, e eu não vejo as mulheres sentadas, porque as mulheres não podem ser um auxiliar? Sim, em cima dessa questão. (Irmã Luana, 2021)

Sobre o espaço ocupado pelas mulheres na igreja....

[...]porque as mulheres são aquelas que sustentam a igreja em oração. Mas não pode se sentar no púlpito, porque Deus responde às orações, sendo uma coisa muito linda de ter de responder à oração de alguém. Mas também ela não tem a dignidade de se apresentar como líder. (Irmã Luana, 2021)

Segundo o que nos relatou a Irmã Luana, a questão em si é reunir a Igreja em pequenos grupos e **delegar tarefas**.

Conforme aponta Irmã Luana, os jovens que estão no seio da igreja se encontram mais bem preparados para os desafios do mundo real, frequentando a EBD e recebendo a formação cristã, isto na perspectiva de Irmã Luana que se revelou uma das mais ávidas entrevistadas na defesa da relevância que a igreja apresenta em relação a comunidade.

O pecado do racismo está em toda parte e conseqüentemente negá-lo é um dos subterfúgios mais viáveis para quem quer a manutenção da hierarquia de um poder, que é branco e separatista. Segundo a pesquisa "Desenvolvimento humano e desigualdades étnicas no Brasil – um retrato de final de século, aponta que existe uma cultura assimilacionista (OLIVEIRA, 2015, p. 62) que impede que as pessoas negras sejam vistas no seu lugar de discriminado ou alvo de preconceito, esses jovens na AD da Liberdade que parecem não sentir nenhum tipo de discriminação certamente introjetaram determinadas falas ou ações como normais e nem sequer tem consciência da diferenciação que diariamente acontece com eles.

A análise da classe é necessária para compreender o processo de opressão, seja ele de raça ou não (Cone, 2018, p. 44) Como ns fala Amaral et al. (2019, p. 2) o processo de expansão imperialista desenvolveu uma cisão entre brancos e negros quando o capitalismo e a sua ampliação foi e é um fator que segrega também pela cor da pele.

SAIBA MAIS

O que é Racismo?

É uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento.

(ALMEIDA, 2018, p. 25)

A questão social tem suas raízes intrinsecamente ligadas à expansão do modo de produção capitalista pelo mundo e a dominação dos países imperialistas. Nesse cenário, a questão racial teve grande ênfase na constituição da questão social Brasileira, tendo em vista os aspectos da própria formação deste país: a exploração da força de trabalho e a subjugação dos povos aqui existentes que deixaram marcas sangrentas que se arrastaram por séculos. (Amaral et al., 2019, p. 2)

Em um bairro onde a grande maioria das pessoas é pobre e negra é notório que se faz presente a fala de James H Cone (2018, p. 49) "Qualquer mensagem não relacionada à libertação das pessoas pobres em uma sociedade não é a mensagem de Cristo. Apesar de pela observação nos cultos ter percebido que não é uma comunidade de Teologia Negra, mas na realidade híbrida é perceptível que pela própria estética dos irmãos, irmãs com cabelo afro, que a questão da cultura negra tem uma forte influência sim.

A questão de relações étnico- raciais que estão presentes no Brasil e muito diretamente no Maranhão de modo que seus antecedentes históricos apontam o grande alcance dos aspectos de racismo, segregação acompanhados de uma grande pobreza (AMARAL et. al, 2019, p.2)

A Igreja Assembleia de Deus no Bairro da Liberdade exerce um papel social dentro da comunidade como uma representante que se insere mediante os problemas que a comunidade demanda.

Conforme Marco Davi de Oliveira (2015, p.70) as origens do pentecostalismo se dão por um viés ortodoxo, então de que modo os negros se afeiçoaram justamente a essa corrente religiosa?

A Irma Luana responde a essa questão quando suscita que logo que os jovens são acolhidos, recebem o cuidado assim como são formados segundo a doutrina e coloca esta ação da igreja como uma grande benfeitoria a comunidade e deste modo proporciona um ganho para todo o Bairro.

Segundo Oliveira (2015, p. 66) a religião dos negros ela se distingue das demais, pois está ligada às questões intrínsecas a natureza, como uma experiência em contato com a vida e não com conceitos subjetivos, distantes da realidade do dia a dia.

Uma outra questão que chama a atenção dos negros em relação aos pentecostais é a musicalidade. A música tem um poder de identificação com o negro muito presente, com suas lutas, seu sofrimento e as lutas por libertação (Oliveira, 2015, p. 66).

Quanto ao processo de evangelização, a Irmã Luana esclareceu que em algumas ocasiões pessoas em situação de abandono, usuários de drogas e traficantes também os ouvem.

De acordo com Oliveira (2015, p. 105) notoriamente a população negra é a que mais integra a religião pentecostal, ou seja, a responsabilidade da igreja com esse grupo deve ser observada com cuidado, pois os negros historicamente aviltados em suas origens e cosmologias, roubados em suas ancestralidades recebem a força do fundamentalismo também no seio do pentecostalismo. Portanto, ao fazer um trabalho social como o descrito por Irmã Luana, a Igreja mitiga determinados problemas sociais e traz para a agenda da instituição a pregação também para aqueles que estão em situação de vulnerabilidade como usuários de drogas e traficantes.

No Brasil, os negros se revezam entre as denominações neopentecostais e o pentecostalismo clássico (Oliveira, 2015, p. 94) como se designa a Assembleia de Deus.

Pode -se perceber que a concepção de Irmã Luana já é diferenciada, ao citar nome por nome das manifestações populares, ela conhece as festas e não esconde isso, e assume que são fortes no bairro e acredita que as pessoas que integram essas festas estão preservando aquilo que receberam como ensinamento.

Das seis pessoas entrevistadas nesta pesquisa; cinco eram negras, o que demonstra uma proporção bastante substancial no que se refere a presença negra na Igreja. Conforme apresenta Medina (2022, p. 10) na atualidade o pentecostalismo está tendo que reimaginar o seu lugar de fala, principalmente sobre a questão de direitos humanos, e ao ouvir a Irmã Luana, seu discurso parece bastante mais tolerante do que o costumeiro, que seria algo do tipo: Reggae? Sangue de Cristo tem poder, tudo isso é do diabo, é cilada para dividir o povo de Deus, coisas desse tipo.

Na contemporaneidade a tônica da narrativa tem tomado uma nova conjuntura e tem se demonstrado muito mais branda e compreensiva com as questões culturais e de diferença, apesar de ainda haver um foco de tradicionalismo e resistência a tolerância, muito aguerrido em determinadas denominações. O Maranhão como um estado com cerca de 70% da sua população sendo negra, que teve sua terra saqueada, sua cultura vituperada, negado o direito a saúde e educação (Amaral et. al, 2019, p. 4) é um cenário apropriado para se construir estes estudos sobre lastros das heranças quilombolas e também uma mudança de comportamento relativo a população negra no sentido de uma maior tolerância e empatia.

De forma taxativa a Irmã Luana nos deu uma prova, um relato que é sim possível preservar a identidade Quilombola e conjugar isso com uma identidade cristã, dessa forma a sua experiência é um norte que incita crer que é plausível coexistir com uma dada raiz negra assim como uma fé pentecostal, porém, o discurso da evangelização que provoca transformações permanece ali.

Para Caio Marçal (2018, p. 17) Jesus veio na realidade para vencer a opressão, como nos diz quando afirma que os Direitos Humanos existem para atender as pessoas que estão em situação de risco, frágeis e que são violentadas por um sistema humano injusto e extremamente desigual. Se a missão de Cristo foi trazer liberdade a todos aqueles que estavam cativos; a dos seus seguidores não pode ser diferente do que trazer libertação para todos os que estão cansados e fatigados (MARÇAL, 2018, p. 18)

Para Marçal (2018, p. 18) pensar o evangelho é vê-lo como um novo reinado, para muitos o evangelho funciona como uma corrente teológica, mas na realidade seu sentido é o de instaurar uma nova administração entre os homens, de forma que aqueles que foram esmagados por um sistema opressor possam ser libertos finalmente.

A estrutura com Deus é marcada também pela luta com todos os seres criados é imagem e semelhança Dele. Tal separação traz consequências reais como a exclusão, a violência, a exploração (MARÇAL, 2018, p. 18)

Segundo Rosana Heringer (2002, p. 57) o fosso que existe entre as desigualdades raciais no Brasil é de fato preocupante, os dados demonstram que as condições de vida, o acesso à educação, assim como a infraestrutura que estão disponíveis entre brancos e pretos é bastante distinto e nesse tocante a religião é um aspecto que de forma cultural também contribui para essa diferenciação tão aguda.

Adoto aqui a concepção defendida James H Cone (2018, p. 107) sobre o

que seria de fato a revelação, que consiste que nenhum ordenamento humano fala por Deus e que é preferível escolher a morte a corroborar com as injustiças de um Estado opressor. Digo isto entusiasmada pela fala de Irmã Luana que se mostra uma jovem assembleiana com uma atuação entre jovens e adolescentes e que acredita que religião e intolerância jamais devem andar juntas.

Comparo aqui com a licença do mestre James H Cone (2018, p, 109) o silêncio da teologia estadunidense sobre o sofrimento do povo negro e o silêncio da teoria da democracia racial no Brasil sobre às mazelas e escárnios sofridos pela população negra, o seu próprio genocídio.

Para Cone (2018, p. 108) não houve uma preocupação presente entre os teólogos, isso me referindo a Estados Unidos, de relacionar a manifestação contemporânea da revelação de Deus com a condição do povo negro, como do mesmo modo a concepção da democracia racial, retirou do negro o papel de população violentada por um sistema escravocrata e conseqüentemente sem chances de inclusão social, política e econômica.

Não existe revelação de Deus sem uma condição de opressão que evolui para uma situação de libertação. Revelação é apenas para os oprimidos da terra. Deus vai até aqueles que foram escravizados e abusados e declara total identificação com a situação, revelando-lhes a legitimidade da emancipação nos termos deles. Deus não apenas revela aos oprimidos o direito divino de acabar com as correntes por quaisquer meios que se façam necessários, como também lhes assegura que a ação deles pela própria libertação é a própria ação de Deus (CONE, 2018, p. 109)

Nessa perspectiva, compreender que uma congregação que tem uma líder de jovens como a Irmã Luana que se coloca numa posição empática em relação a cultura negra e a própria questão do que é ser Quilombo demonstra que se está evoluindo para a redução do papel opressor da Igreja, inclusive entre as mais tradicionais e ortodoxas.

Nesse caso, observa-se que a revelação de Deus que tanto se busca nos cultos e nas pregações está do lado dos oprimidos como diz Cone (2018, p. 109) "a revelação de Deus significa libertação nada mais nada menos.

Mesmo no seio de uma instituição que prega os princípios de Cristo, não se está isento de sofrer este tipo de violência, que como relata Irmã Luana, acontece desde criança, e mesmo na vida adulta; pela decisão de ter um cabelo natural, afro ela é julgada nesse sentido.

A narrativa de Irmã Luana se coaduna com uma assertiva de Cone (2018, p. 109) quando afirma que a verdadeira revelação é aquela da libertação. E é exatamente isso, pois quando um povo que saiu peregrinando como os hebreus por quarenta anos foi Deus que os valeu, por que seria diferente com a população ne-

gra que veio para essas terras escravizadas e submetida a todo o tipo de agruras.

No tocante às mulheres da alta cúpula da Assembleia de Deus, optaram por preservar um tipo de cultura de realidade que exclui as mulheres dos altos cargos da igreja (BANDINI, 2015, p. 112), as colocando em vez do lugar de protagonismo que lhe é de direito, numa constante codjuvância. São inúmeras as mulheres que tiveram destaque nas ADs, como Frida Vingren e Celina Albuquerque, mas que até hoje não tiveram o reconhecimento em termos de espaço de liderança e atuação à frente da Igreja.

Portanto, quando Irmã Luana se refere a esses cristãos que instrumentalizam o seu lugar de evangélico e envergonham o nome de evangélico com falas e ações racistas, a Irmã Luana faz uma crítica que James Cone também fez, sobre a demagogia da religião que vê a escravidão e o racismo que ainda existe em nós e fica inerte.

Nesse sentido, se a igreja assim como o Estado são racistas, são estruturas de poder (Cone, 2018, p. 109) que devem ser criticadas e na sua devida medida combatidas até o ponto em que o povo negro imponha os limites sobre até onde se pode ir ou não em relação a si mesmo e sua autodefesa (Cone, 2018, p. 109).

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Promover entre os estudantes um concurso de redação com a temática: Tolerância Religiosa, o que quer dizer? O tema é para envolver os estudantes nas questões relativas à diversidade religiosa e mostrar que diferentes religiões podem se respeitar e coexistir.

Objetivo	Demonstrar que pode haver tolerância entre diferentes religiões.
Metodologia	Oficinas de Redação.
Avaliação	Criatividade, Coesão e Coerência.

Atividade 7

Título: Religião e Quilombo

Conteúdo Abordado: Analisar a concepção de Quilombo e como as religiões se manifestam nesse espaço de identidade e diferença.

Duração: 4 semanas

Disciplina: História e Sociologia

Material: Quadro, Pincel, Computador, Internet e Data Show.

Objetivo:

- Compreender o conceito de Quilombo.
- Relacionar o fenômeno religioso com a territorialidade do Quilombo com ênfase na experiência das igrejas pentecostais dentro da comunidade quilombola.
- Observar aspectos como a resistência ou condescendência da população quilombola à expansão pentecostal entre os moradores de Quilombo.

Metodologia: Trabalhar com alunos através de uma dinâmica intitulada como Pertence ou não pertence. A dinâmica consiste em ter vários papéis dobrados escritos com características que seriam de um Quilombo ou não. Cada grupo que será dividido irá retirar três papéis e marcar no quadro se pertence ou não pertence ao Quilombo aquele atributo. Com essa abordagem irá se fomentar uma memorização e consciência sobre no que consiste ser Quilombo (ASSUNÇÃO, 2017)

11. Irmão Dinilson e o racismo que há em nós

Conforme Marco Davi Oliveira (2015, p. 61) toda a população negra anseia pela liberdade de ter suas próprias percepções e defender seus princípios e valores. Ao entrevistar o Irmão Dinilson, que nasceu em São Luís e cresceu no Bairro do Lira, ficou claro que sua convivência com o evangelho é bastante acentuada e ele mesmo sendo um evangélico “raiz” se posicionou de forma surpreendente sobre muitas das questões que lhes foram colocadas



FALA DO ENTREVISTADO:

Ao se perguntar sobre a relevância do trabalho social da igreja dentro da comunidade da Liberdade

Essa é uma obra de grande importância não só na vida da Igreja, como também na vida da comunidade, porque essa é a missão da Igreja. O trabalho social foi realizado pela igreja primitiva, registrada em Atos dos Apóstolos, então principalmente começando pelos de casa que são os irmãos na fé, e depois se expandia a comunidade como um todo. Esse é o verdadeiro Evangelho. (Irmão Dinilson, 2021).

Sobre a cultura presente no Bairro e a sua força.....

Olha, minha irmã, eu vejo assim. É verdade que ainda hoje há em nós uma preocupação com respeito a essa cultura, porém, nós não podemos desconsiderá-la porque eles vivem numa dependência que só Deus conhece, a nossa missão, embora eles viverem escravizados em uma cultura, mas a nossa missão é levar o Evangelho e não desconsiderá-la de forma alguma, nem também desrespeitá-la, mas respeitar aquilo que eles vivem e o que eles estão exercendo e aguardando que através de nós, Deus venha alcançá-los para a verdadeira fé cristã..(Irmão Dinilson, 2021)

Sobre a possibilidade de uma convergência entre a identidade quilombola e pentecostal....

Sim. Porém, eu entendo que a Bíblia diz que não devemos amar a dois senhores, ou amar um ou aborrecer o outro. Porém, na nossa visão humana, pode até ser difícil. Porém, eu entendo que eles podem se tornar evangélico sem desvalorizar essa outra parte, sendo que quando eles passarem a valorizar mais o Evangelho, com certeza os demais parentes das demais famílias quilombolas

também serão alcançados. E aí estarão cumprindo a palavra de Deus que diz que buscai primeiro o reino de Deus e as demais coisas vos serão acrescentadas (Irmão Dinilson, 2021)

A respeito do racismo na realidade da igreja...

E eu entendo que nós, humanos, somos terríveis. Nós, mesmo sendo evangélicos, nós somos racistas. Mesmo sendo evangélico, às vezes nós estamos pregando aquilo que não vivemos. Às vezes falamos que amamos e não amamos. É muito difícil. E aí nasce, portanto, aí tem um pouco de racista também na nossa vida a gente convive com ela também. Porque nós queremos ou não queremos mas nós fazemos acepção de pessoas (Irmão Dinilson, 2021)

Sobre a visão da Bíblia a respeito do racismo.....

Não, de forma alguma, porque está escrito que o Deus que nós servimos que a vontade dele é que todos sejam salvos, isso entende - se que ninguém poderá estar excluído do plano da salvação. Então ele não faz discriminação. Ele não rejeita ninguém. (Irmão Dinilson, 2021).

André Guimarães (2018, p. 56) nos adverte diante da radical humanidade que devem ser direcionadas às pessoas pretas, a identificação com o evangelho, não um evangelho distante, mas um evangelho próximo, de acolhimento e que traz o sujeito para o seu meio sem censuras ou julgamentos.

O projeto social da Igreja da Liberdade desponta como um fator de diferenciação da denominação, pois leva os irmãos em Cristo a assumirem a responsabilidade para com aqueles mais vulneráveis e pobres mediante a comunidade do Bairro

Segundo Carreiro, à medida que o pentecostalismo se expande; isso incita alterações nos sistemas culturais estruturantes da comunidade quilombola (CARREIRO, 2020, p. 595). Nessa questão a Igreja Evangélica Assembleia de Deus tem um viés que é proselitista e que coloca como nas palavras de Irmão Dinilson, que a igreja convida para a verdadeira fé cristã, não aquela vivida pelas religiões africanas, mas aquela proporcionadas pela salvação do evangelho.

Para Carreiro (2018, p. 596) existe uma forte modificação dos espaços quilombolas que passam a contar com igrejas pentecostais, nesse aspecto o Irmão Dinilson declarou que é possível haver uma concomitância entre o universo evangélico e o quilombola, mas isso como se fosse um projeto de estágio, até se chegar no ponto em que a conversão se dará de tal modo que as raízes e ancestralidades serão deixadas de lado em prol da fé pentecostal.

Essa mudança de ethos que é econômico e em outras esferas pelo que aponta Carreiro (2020, p. 596) atua em torno da questão do apagamento e perda da forma tradicional de experiências desses grupos quilombolas, e no Bairro da Liberdade isso não é exceção. Funciona de tal modo que o pentecostalismo entra nas comunidades e altera a interface do lugar com uma nova forma de

falar, ser e existir, por isso o Irmão Dinilson atesta que com o tempo haveria uma mudança de comportamento e isso faria com que as pessoas influenciassem sua família trazendo mais membros para a Igreja, até a ancestralidade ou os ritos africanos serem definitivamente deixados de lado ou mesmo esquecidos. Esse é o processo de invisibilização na prática, quando determinadas formas culturais, políticas ou econômicas dão lugar a outras como uma inserção de convencimento religioso. Pode-se usar o conceito de Spivak (2010, p. 84) sobre a mecânica de construção do outro, que em determinadas situações chegam a inferiorizar um sujeito ou tentar reduzir a dimensão daquilo que ele é ou faz.

Franz Fanon (2008, p.14) aponta que o racismo que é velado é ainda mais perigoso, pois a sua negativa, o negacionismo da discriminação racial corrobora com a sua manutenção. A fala de Irmão Dinilson que diz que mesmo evangélicos podem ser racistas, coloca a problemática que está em questão sobre o racismo religioso sendo uma evidência real do processo de estigmatização do negro. Franz Fanon (2008, p. 14) não considera todo mundo racista, mas na verdade que o racismo assim como o colonialismo são modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele.

Uma questão que é deveras cara no mundo evangélico é viver aquilo que se prega, e quanto ao racismo religioso, de certo modo consiste numa espécie de traição com a forma como a Bíblia e Jesus ensinou que deveria se viver, como nos assertivamente propõe James H Cone (2018, p. 109) que a liberdade dos negros deve evoluir de um estado de opressão que é o que vivemos na contemporaneidade.

Como aqui desenvolvendo uma etnografia da Igreja Assembleia de Deus da Liberdade, pode-se perceber que os perfis de irmãos se repetem e que a questão do racismo é vista por diferentes prismas. De modo surpreendente um dos irmãos mais velhos foi o que considerou que os evangélicos, mediante toda a multiplicidade que este termo carrega, também são racistas.

Assim como aponta Cone (2018, p. 110) que o povo hebreu foi humilhado no Egito e passou por um deserto por décadas a fio, o povo negro foi arrancado de sua terra e arremessado numa terra estranha para ser escravizado e desprovido de sua cultura e de toda a sua ancestralidade e os evangélicos não podem se omitir diante do trabalho sobre extirpar o mundo do mal que é a desigualdade social da população negra. Para James H. Cone (2018, p.110) a revelação se dá mediante o transcorrer da história bíblica sob a forma de história dos homens, nesse sentido, a opressão vivida pelo povo negro reflete uma revelação-libertação conforme o povo hebreu viveu.

Todos estão inclusos no plano de salvação, essa é a vontade de Deus segundo a narrativa do Irmão Dinilson, um homem de trato simples, que eu observei no culto à noite, não se separava de sua Bíblia e tive a oportunidade de entrevistar e conversar um pouco depois sobre outros assuntos, sem dúvida foi a entrevista que mais me impactou, quando ele entrou na sala, pensei realmente que seriam respostas evasivas e nada conclusivas, pelo contrário, ele contribuiu com sua franqueza e o apreço pelas coisas do Reino.

A população negra comunga de uma mesma característica que a comunidade judaica, que é o fato da revelação – libertação, que Deus se expressa por meio do que foi feito, do que é feito e do que será feito em relação a história desses povos que são taxativamente vitimados, seja na escravidão e preconceito, seja no holocausto respectivamente (CONE, 2018, p. 111)

Deste modo, é na fé como elemento da existência mediante a revelação (2018, p. 112) que se alicerça a convicção que os oprimidos pelos poderes estabelecidos na terra fazem parte de um plano maior, como diz o Irmão Dinilson; do plano de salvação.

Quando o Irmão Dinilson coloca a falta de diálogo na Igreja a respeito do racismo desmonta a fala de Franz Fanon (2008, p. 90) que diz sobre a extirpação da originalidade do povo negro em prevalência do branco, ou seja, aquilo que não é dito não existe, desse modo quando a igreja se omite nessa discussão que está em toda parte, ela faz com que os religiosos da sua congregação não tenham acesso a esse tipo de debate e declara que gera um processo de esquecimento naquele lugar que suscita um dilema que Fanon nos traz que é o de branquear ou desaparecer (FANON, 2008, p. 95), pois as ancestralidades são podadas e o racismo é velado.

Segundo Spivak (2010, p.12) falar pelo outro ou representar são processos que estão mediados pela colonialidade em um discurso que tende a ser hegemônico. Não é isso que quero fazer aqui. Mas na realidade ouvir as dificuldades e no seio da igreja observar quais os entraves no que sabe-se existir como formas de empoderar o racismo e o preconceito.

O Irmão Dinilson nos disse que a Igreja tem uma grande problemática no sentido de ver a condição do outro e Spivak (2010, p. 46) nos argumenta que o colonizador tem uma tendência a produzir o outro ou mesmo a condição do sujeito como o europeu, o branco. Desta feita na Igreja que o Irmão Dinilson se refere os sujeitos se constroem como superiores a outras religiões, detentores da verdade absoluta.

Conforme a teologia negra de James H. Cone (2018, p. 114) todas as forças alienantes da perspectiva que rejeita a opressão do povo negro são execráveis, nesse aspecto a autorrevelação de Deus é concedida justamente para aqueles que sofrem com as mazelas da exclusão e com as perseguições de um sistema racial segregador.

Para o Irmão Dinilson, Jesus Cristo não veio para julgar, para dar uma sentença e ascender aos céus, mas na realidade veio para salvar e sem distinção, que consiste num dos princípios mais importantes do cristianismo que é não fazer qualquer tipo de acepção de pessoa.

Para Cone (2018, p. 89) a revelação é um acontecimento negro, consiste naquilo que o povo negro está fazendo para a sua libertação e o Território Quilombola Urbano da Liberdade representa um espaço de resistência e identidade negra e que a Igreja Assembleia de Deus exerce um papel de construção de uma forma de existir e de ver o mundo que obedecendo as reminiscências de uma lógica colonial suprime as especificidades afros.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Sugere-se que se formule um e-book com entrevistas com lideranças negras da comunidade que os alunos fazem parte e falem a respeito das suas experiências com o racismo.

Objetivo	Incentivar o conhecimento crítico e a comunicação entre os estudantes.
Metodologia	Oficinas simulando uma redação de jornal.
Avaliação	Participação e Criatividade.

ATIVIDADE 8

Título: Proselitismo e Racismo Religioso

Conteúdo abordado: Demonstrar como no cenário religioso o proselitismo e o racismo podem andar de mãos dadas.

Duração: 4 semanas

Disciplinas: História e Sociologia

Material: Quadro, Pincel, Computador, Internet e Data Show.

Objetivos

- Conceituar sobre o que é o proselitismo.
- Relacionar o apagamento do povo negro e o proselitismo religioso.
- Formular um combinado na turma com a temática da tolerância e respeito religioso.

Metodologia:

Adotar durante a aula expositiva com slides sobre o conceito de proselitismos termos conhecidos dos alunos como, por exemplo, demonstrar que quando alguém vai numa reunião de natureza religiosa e é constrangido a fazer parte daquele grupo isso pode ser considerada uma prática proselitista. Historicamente fazemos parte de uma nação proselitista onde os indígenas foram obrigados a abrir mão de suas origens em função do cristianismo dos europeus, assim como a população negra que foi escravizada e teve sua historicidade e ancestralidade saqueada pela violência como expressão do racismo.

13. Irmã Debora e a visão a partir da liderança do departamento infantil.

FALA DO ENTREVISTADO:



Ao ser questionada sobre no que consiste um Quilombo.....

O Quilombo ele surgiu devido a reação dos escravos àquele regime que eles eram submetidos de trabalho sem nenhum direito, direito trabalhista e eles fugiam para os acampamentos bem distantes e assim surgiram os Quilombos, o maior deles foi o Quilombo dos Palmares, que o maior líder foi o Zumbi, que foi assassinado. A Liberdade é a maior comunidade Quilombola Urbana de São Luís, pois a partir da década de 80 nós começamos a receber pessoas descendentes de escravos da região da baixada, então a região ali do mato-douro que funciona hoje como Escola Mario Andreazza, ali essa região sempre foi habitada por essas pessoas que eram descendentes de escravos da Baixada Maranhense que vieram para cá buscando melhores condições de vida. E essas pessoas ocupavam aquela região que era de mangue até hoje só que foi modificada, por causa do programa do governo federal PAC Rio Anil, mas que aquela região foi a primeira, o primeiro local habitado por descendentes de escravos vindos da Baixada. Por isso nós somos considerados o maior Quilombo Urbano. (Irmã Débora, 2021).

Quando se perguntou a respeito das manifestações culturais e populares do Território Quilombola da Liberdade....

O tambor de Crioula e o reggae, o tambor de crioula é considerado um patrimônio imaterial, reggae é um ritmo musical, eu vejo como cultura, como crenças, herança de um povo que teve as suas raízes primeiramente na África. Não foi o branco europeu que escravizou o negro, eles compravam os escravos que eram vendidos nas feiras pelos próprios negros. (Irmã Débora, 2021).

(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).

Ao se abordar se há preconceito racial na igreja.....

“Sim, existe, existe na Igreja o preconceito racial pela cor da pele por parte dos negros e por parte de pessoas de pele clara. Por que o meu marido não é branco, ele é negro e ele tem aversão ao negro”(Irmã Débora, 2021)

Ao se perguntar sobre políticas de cotas para negros.....

Primeiro eu ouço dizer que a cota para o negro, para o pobre, de escola pública, descendente de indígena, é a própria pessoa dizendo que não é capaz, muito bonito a gente defender esse discurso numa sociedade igualitária, na questão financeira. Mas sabemos que há estamentos. Eu não defenderia cotas a partir do momento que nós vivêssemos numa economia como a dos Estados Unidos, do Canadá. Mas em um país que temos muitas desigualdades eu defendo o sistema de cotas. Eu sou professora, trabalho com crianças de escolas particulares da classe média daqui de São Luís, eu vejo uma diferença muito grande. São crianças que estudam na melhor escola segundo o MEC, em primeiro lugar no ENEM. Há uma disparidade enorme entre uma criança na escola que eu trabalho e uma criança que estuda numa escola aqui do bairro (Irmã Débora, 2021).

Para Assunção (2017, p. 32) existe uma série de redes de afinidade entre os bairros que compõem o Quilombo Urbano da Liberdade, cooperações e proximidades que revelam essa raiz comum, que é negra e da região da Baixada Maranhense. Irmã Debora narra a história da primeira ocupação do Bairro por descendentes de escravos de modo que ela consegue totalizar em sua fala todo o processo de ocupação, no entanto se sabe através de fontes como Assunção (2017) que o processo de formação do Quilombo Urbano foi muito mais profundo e repleto de ocorrências com suas singularidades. Nessa perspectiva, observar que o processo de formação populacional do bairro da Liberdade interfere diretamente na sua construção enquanto espaço de negritude e de origens e ancestralidades africanas.

E mesmo estando em meio a uma cultura avessa a questão da cultura africana, Irmã Debora discorreu sobre a história do Bairro e sua formação de modo muito natural, o que demonstra que não é por ser evangélico, ou professar qualquer tipo de fé, que deve haver uma alienação da constituição histórica do seu contexto.

Como nos adverte Franz Fanon (2008, p. 34), no seio do povo colonizado se sepultou a originalidade que identifica dando origem a um complexo de inferioridade. Nesse sentido, fica-se posicionado a favor do colonizador da chamada metrópole, desse modo, seja consciente ou inconscientemente a Irmã Débora reproduz a fala de alguém que compõe um grupo colonizado assim como tantos outros no Brasil, ao colocar os negros como corresponsáveis pela sua escravização.

Irmã Débora ao colocar que os próprios negros também seriam racistas demonstra uma das questões que segundo Fanon (2018, p. 15) inquietam que é a questão do negro construído como negro, ou seja, que existem arquétipos que são estabelecidos em torno da figura do negro de forma tão incisiva, que até mes-

mo os negros que sofrem a violência reproduzem, mas não que eles sejam racistas, pois como bem explora Franz Fanon (2008,p. 90) o negro não se inferioriza ele é inferiorizado e é o racista que cria o inferiorizado através dos aparelhos de poder e concepções coletivas e individuais racistas que o excluem.

Irmã Débora se declarou de direita politicamente, mas reconheceu a relevância das cotas e como a sua inserção na sociedade é necessária devido as extremas desigualdades de nosso país, inclusive a racial. Nesse sentido, de políticas inclusivas para Kabengele Munanga (2010, p. 59) a política de cotas é necessária, mas a melhor saída seria substituí-la por cotas de diversidade conforme o modelo americano onde não se fala mais em política de cotas ou em ações afirmativas, mas em políticas de diversidade que seriam muito mais amplas e abrangentes.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Montar um concurso de músicas com o tema “ África também é minha terra” de modo que os alunos possam pesquisar sobre a cultura e os ritmos caracteristicamente africanos.

Objetivo	Conhecer e compreender melhor os ritmos e a cultura africana.
Metodologia	Realizar oficinas de música com pesquisa em material online.
Avaliação	Participação e Criatividade.

Atividade 9 TÍTULO: Cultura Negra

Conteúdo abordado: Características da cultura negra e africana como estilos musicais e religiosidade.

Duração: Durante todo o ano letivo

Disciplinas: História e Sociologia

Material: Data Show, Computador, Coleção História Geral da África

Objetivos:

- Compreender quais e no que consistem as manifestações de cultura negra e africana.
- Fazer uma análise da legislação que trata da cultura negra como patrimônio, um exemplo é o tambor de crioula que é patrimônio imaterial.
- Organizar uma oficina de análise dos livros da Coleção História Geral da África

Metodologia

Explorar o dicionário de forma inicial conceituando sobre a diversidade do termo cultura e como ele pode incluir inúmeros elementos, falar sobre diversidade e identidade (HALL, 2006) e como ambos conceitos estão em transformação.

Fazer uma abordagem no entorno da escola; identificando possíveis grupos populares ou espaços de religião africana e buscar dialogar com os líderes e integrantes dessas comunidades.

Posteriormente promover uma oficina que explore a riqueza da cultura africana e explique os conceitos encontrados no denso material da Coleção História Geral da África desde a pré -história até os dias de hoje.

14. Irmão Noé e a perspectiva do departamento de missões

O Irmão Noé é líder do departamento de Missões e também vice superintendente da Escola Bíblica Dominical na AD do Bairro da Liberdade. Ele nos falou a respeito do encontro de culturas no Bairro da Liberdade, sobre a negritude e a cultura afro.



FALA DO ENTREVISTADO:

Ao se questionar sobre as manifestações culturais do Território Quilombola da Liberdade.....

Tem a sua parte positiva sim, não podemos negar, como já falamos que o Bairro é uma comunidade, é um quilombo, e todo quilombo tem suas culturas, e toda cultura tem sua parte positiva que soma, digamos como a cultura, ela traz a sua riqueza que a gente conhece, essa riqueza se estende na vida das pessoas, dos adolescentes dos jovens (Irmão Noé, 2021).

Sobre os casos de racismo na realidade do Território.....

Sim, sim, mas ouvi muito, presenciar não, mas já ouvi muito, por exemplo, teve uma época no Bairro da Liberdade, que era um bairro muito discriminado pelas coisas que aconteciam, que concorriam a um emprego daí ah, você é da Liberdade, às vezes a pessoas queria vir de outro bairro para a Liberdade e o taxista era aquela dificuldade para trazer (Irmão Noé, 2021)

A respeito de haver racismo dentro da igreja.....

“Eu poderia dizer que não, mas acontece sim, por que a igreja é feita por pessoas que erram” (Irmão Noé, 2021)

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade. (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais. (EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos. (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais,

Quando se perguntou a respeito de se poder ser quilombola e evangélico....

“É possível nascer no Bairro da Liberdade, crescer no Bairro da Liberdade, dentro dessa cultura, participando dessa cultura e no decorrer do tempo ele vai entender que ele deve mudar, que ele deve deixar algumas coisas” (Irmão Noé, 2021)

Percebe-se na fala de Irmão Noé uma condescendência com a cultura quilombola, a diversidade que vem dos quilombos como bem nos indica Carreiro (2020, 586) ao se referir as 155 comunidades quilombolas de Alcântara a toda a sua riqueza cultural, pode-se incorporar a sua concepção também para o Bairro da Liberdade com uma gama de remanescentes de Alcântara e com uma gama de ancestralidade e origens africanas bastante acentuadas.

A narrativa de irmão Noé demonstra que já houve em relação ao Bairro um certo preconceito dentro da cidade de São Luís, em decorrência dos casos de violência ali instalados que prejudicavam os demais moradores que ao buscar emprego eram estigmatizados por justamente terem origem no Bairro da Liberdade.

O irmão Noé revela que antes de mais nada não deveria haver distinção entre negro, branco, pobre, rico, que a realidade deveria ser outra, no entanto, como convivemos com pessoas que são imperfeitas e herdeiras de um racismo estrutural, ainda reproduzimos ações segregadoras e discriminatórias. Nesse aspecto, o Irmão Noé reproduziu segundo o que nos aponta Santos (2009, p. 24) que a convivência entre dois tipos de pensamentos que são abissais é praticamente impossível, pois a existência de um anula o outro, e foi exatamente isto o que ele nos repassa, pois depois que a pessoa se converte ela deve abandonar “essas coisas” que a levam a pecar, a estar no erro.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em sala de aula construir uma linha do tempo para explicar a presença dos negros no Bairro da Liberdade como remanescentes quilombolas.

Objetivo	Construir uma linha histórica dos negros no Bairro da Liberdade.
Metodologia	Produção de Painéis e pesquisa em livros e internet.
Avaliação	Empenho, Criatividade e Participação

Atividade 10

TÍTULO: Quilombo Urbano

Conteúdo abordado: O que seria um Quilombo Urbano? O que o diferencia de um Quilombo tradicional?

Duração: 4 semanas

Disciplinas: História e Sociologia

Material: Quadro, pincel, Data Show, Computador e Internet.

Objetivos:

- Compreender o conceito de Quilombo Urbano.
- Associar à narrativa de Irmão Noé quando relata que na cidade há preconceito pelas pessoas que vivem na Liberdade.
- Analisar o processo de um Bairro, ou seja, uma localidade urbana se tornar um Quilombo.

Metodologia: Abordar em uma aula expositiva as discussões anteriores sobre no que consiste ser Quilombo, e quais as especificidades de um Quilombo que se caracteriza como Urbano. Fazer uma pesquisa no site na Secretaria da Cultura do Governo Federal e ler entre os grupos na sala de aula o documento que chancela o bairro da Liberdade em São Luís como Quilombo Urbano, abrangendo os pré-requisitos que lhe conferiu essa titulação.

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente material visa fazer uma trajetória pelas narrativas de membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Território Quilombola Urbano da Liberdade, de modo a conhecer a forma como a igreja atua dentro dessa localidade, suas atividades, como ela se insere na comunidade e perceber que a oralidade e a História Oral é uma ferramenta extremamente importante para a História do Tempo Presente, que pode ser a chave para preservar a memória de toda uma coletividade que demanda atenção quando a sua riqueza social e cultural.

Se inseriu as habilidades que segundo a BNCC, devem ser cumpridas quanto ao que se refere a um livro que se propõe utilizar em sala de aula conforme às normas da educação no Brasil contemporâneo. Forneceu-se também um auxílio pedagógico sob a forma de orientação pedagógica de atividades para serem realizadas ao fim de cada capítulo. Espero que este produto educacional seja útil e ajude professores com a temática do racismo e do pentecostalismo a problematizarem as propostas aqui inclusas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, José Eustáquio et. al. Distribuição Espacial da Transição Religiosa no Brasil. *Tempo soc.* 29 (2) May- Aug 2017.
- ALENCAR, Gedeon Freire. **Pentecostalismo Clássico: Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus – Construção e Identidade** IN: DIAS, Zwinglio Mota. *Protestantes, Evangélicos e (Neo)Pentecostais: História, Teologias, Igrejas e Perspectivas*. Fonte Editorial: São Paulo, 2014.
- ASSUNÇÃO, Ana Valéria Lucena. **QUILOMBO URBANO”, LIBERDADE, CAMBOA E FÉ EM DEUS: Identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís**, Maranhão. Dissertação de Mestrado. UEMA: São Luis, 2017.
- BITTENCOURT, Circe. Reflexões sobre o ensino de história. **ESTUDOS AVANÇADOS 32 (93), 2018.**
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BURMANN, Claudir. Reforma Protestante: uma caminhada de 500 anos. *Encontros Teológicos | Florianópolis | V.31 | N.2 | Mai.-Ago. 2016 | p. 217-234.*
- BORGES, Jorgeval Andrade. Ensino de História da África: Pontos para reflexões In: SANTOS, Fabricio Lyrio; GUERRA FILHO, Sérgio A. D. *Ensinar História no Século XXI: Dilemas e Perspectivas*. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019.
- CARREIRO, Gamaliel da Silva. O crescimento do pentecostalismo entre quilombolas: por uma sociologia da presença pentecostal em comunidades quilombolas de Alcântara. **Revista Sociedade e Estado – Volume 35, Número 2, Maio/Agosto 2020.**
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CONE, James H. **Teologia Negra**. Recriar: São Paulo, 2020.
- DREHER, Martin N. MARTINHO LUTERO (1483-1546) E TOMÁS MÜNTZER (1489-1525): A justificação teológica da autoridade secular e da revolução política. **VE-RITAS Porto Alegre v. 51 n. 3 Setembro 2006 p. 145-168.**
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. EDUFBA: Salvador, 2018
- MAINKA, Peter Johann. Huldrych Zwingli (1484 - 1531), o reformador de Zurique - um esboço biográfico. **Acta Scientiarum, Maringá, 23(1):141-147, 2001. ISSN 1415-6814.**
- MARANHÃO, Secretaria de Educação. **Documento Curricular do Território Maranhense Ensino Médio: São Luís, 2022.**
- MULLER, Tania Mara Pedroso. COELHO, Wilma de Nazaré Baía. A LEI no. 10.639/03 E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS. **Revista da ABPN • v. 5, n. 11 • jul.– out. 2013 • p. 29-54.**
- OLIVEIRA, Marco Davi de. **A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?** Ultimato: Viçosa, 2015.
- PACHECO, Ronilso. **Jesus e os Direitos Humanos**. Vlado: Rio de Janeiro, 2018.
- PY, Fábio. PEDLOWISKY, Marcos A. Pentecostalização assentada no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ. **Perspect. Teol., Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 829-852, Set./Dez. 2020.**
- PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. Racismo Religioso e Ideologia do Branqueamento no Brasil. **Kwanissa, São Luís, n. 4, p. 59-76, jul/dez, 2019.**
- POMMERENING, Claiton Ivan. Oralidade e Escrita na Teologia Pentecostal: Acertos, Riscos e Possibilidades. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FAIFA Vol. 6 Nº 3 (2014) ISSN 21768986.**

PROST, Antonie. **Doze Lições sobre a História**. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2008

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula **Epistemologias do Sul**. Almedina: Coimbra, 2009.

SILVA, Marcos. GUIMARÃES, Selva. Tudo é História: O que ensinar no mundo multicultural In: **Ensinar História no Século XXI: Em busca do tempo entendido**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

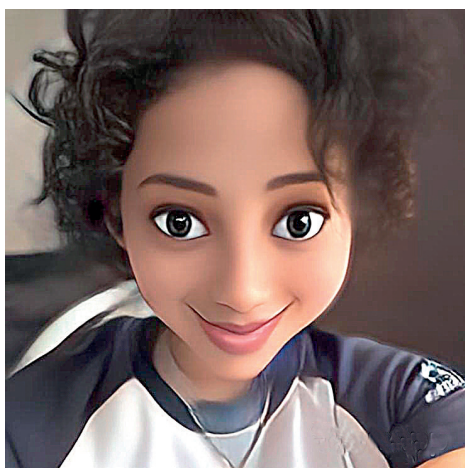
SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.

TRABUCO, Zózimo. **O Racismo religioso também atinge os pentecostais**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-racismo-religioso-tambem-atinge-os-pentecostais/>. Acesso em: 08/09/2021.

IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf. Acesso em: 28-08-2022

Sites:

SANTOS, Felipe. Tambor de Crioula do Maranhão Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/?p=37269>. Acesso em: 09/09/2022.



SOBRE A AUTORA

Rímilla Queiroz de Araújo é nascida na cidade de Zé Doca, região do Alto Turí. Filha de uma professora e também costureira, sempre sonhou em fazer faculdade e durante sua adolescência queria cursar jornalismo. Conforme o tempo passou acabou optando por cursar a faculdade de História na Universidade Federal do Maranhão. Iniciou suas pesquisas como bolsista sobre Gilberto Freyre, mas logo depois ingressou no grupo Neáfrica onde teve seus primeiros contatos com o pensamento decolonial. Formou-se em 2018 e passou a atuar em seu município como agente administrativo no setor

da educação e a elaborar projetos pedagógicos. Já deu aula de inglês e até apresentou programa de rádio, mas sua paixão pela universidade falou mais alto. Em 2020 ingressou no mestrado profissional da UEMA e desenvolve pesquisa sobre pentecostais, decolonialidade e direitos humanos.

APÊNDICES



**Pastor Félix Lázaro, presidente
da Assembleia de Deus no
Bairro da Liberdade**



**Celebração no domingo à noite
do culto temático da família.**



Entrevista com a irmã Débora, líder do ministério infantil



Gabinete Pastoral durante a entrevista com o pastor Félix



**Entrevista com a irmã Luana,
coordenadora do ministério de jovens**



Entrevista com o irmão Dinilson, superintendente da Escola Bíblica Dominical



Entrevista irmão Noé responsável pelo departamento de missões